

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARINA BARBOSA SÁ

AS FRONTEIRAS ENTRE RAZÃO E DESRAZÃO EM MICHEL FOUCAULT

UBERLÂNDIA

2020

MARINA BARBOSA SÁ

AS FRONTEIRAS ENTRE RAZÃO E DESRAZÃO EM MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia. Sob orientação do Prof^ª. Dra. Fillipa Carneiro Silveira.

UBERLÂNDIA, 2020

MARINA BARBOSA SÁ

AS FRONTEIRAS ENTRE RAZÃO E DESRAZÃO EM MICHEL FOUCAULT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia. Sob orientação do Prof^a. Dra. Fillipa Carneiro Silveira.

Uberlândia, __ de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Fillipa Carneiro Silveira – Orientadora

Prof^a. Dra. Georgia C. Amitrano

Dedico este trabalho à minha família.

Agradecimentos

Sou grata à Universidade Federal de Uberlândia, sobretudo aos professores do Instituto de Filosofia. Agradeço em especial à minha orientadora, a Professora Doutora Fillipa Carneiro Silveira por ter me guiado por todo esse processo de pesquisa, de escrita. Meus agradecimentos por suas sugestões e comentários sempre interessantes e construtivos. Expresso aqui minha admiração não só pela maravilhosa orientadora e professora que vejo na Fillipa, mas também por sua incrível pessoa, sempre gentil, compreensiva e sensível às dificuldades do aluno. A forma como ela conduz seu trabalho me inspira fortemente. Manifesto minha gratidão por ter me acompanhado por essa jornada que foi a escrita desse trabalho. Agradeço também ao Prof. Dr. Rafael Cordeiro Silva e à Prof^ª. Ma. Luciene Maria Torino pelas ótimas e instigantes aulas, destaco a importância de ambos na minha formação.

Expresso minha gratidão por toda a minha experiência universitária, que expandiu tanta coisa em mim e me proporcionou contato com autores extraordinários; professores incríveis, que me ensinaram tanto, cada qual de uma maneira singular; aos estudantes que conheci, às conversas de corredores, por vezes tão frutíferas. Sou muito grata à toda essa vivência universitária que me constituiu fortemente.

Sou grata ao grupo ASFALTO, do IARTE, conduzido Prof^ª. Dra. Juliana Soares Bom-Tempo. Ter participado do grupo foi muito importante para minha formação, para a minha vida. Agradeço por todas as experimentações vividas com o grupo.

Agradeço sobretudo à minha família, que me forneceu todas as condições necessárias para a realização desta graduação. Agradeço ao meu pai, à minha mãe e meu irmão por terem me apoiado incondicionalmente durante os altos e baixos, nas dores e delícias que compuseram todo esse processo de escrita deste trabalho; sobretudo nos períodos difíceis e tempestuosos. Agradeço por todo amor e cuidado, e pela construção diária de uma convivência tão harmoniosa. Eu sou tão grata a vocês que as palavras nem chegam.

Sou muito grata às amigas que dão mais cor à minha vida. Sou grata à Pâmela Teles, pelas nossas conversas, pelos assuntos inesgotáveis, pelas nossas trocas e pela incrível sintonia. Agradeço muito sua presença em minha vida. Sou grata também ao Alberto Yuri por ser essa presença leve durante a graduação. Agradeço por nossas conversas sempre tão gostosas, tanto sobre temas filosóficos quanto não filosóficos; pelas nossas pedaladas.

Agradeço também à Andra Farias, por essa nossa amizade divertida, tão permeada de risadas, que certamente tornou o dia-a-dia mais agradável e engraçado nesse processo de escrita. Sou grata à Camila Severino, pelas aventuras que vivemos juntas ao longo da graduação, pelas nossas conversas.

A todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho se realizasse, sou muito grata.

Resumo

Foucault afirma que a loucura é uma figura mutável e constituída historicamente. O filósofo mostra como a concepção de “Loucura” mudou ao longo do tempo, e nos convida a analisar quais condições históricas possibilitaram que ela fosse considerada doença mental nos dias atuais. Ele questiona: Como chegou a nossa cultura a dar à doença o sentido de desvio e ao doente um status que o exclui? O louco na Idade Clássica foi impedido de circular livremente nas cidades, trancafiado nas novas casas de internamento. Ele passa a ser percebido como desraizado, destituído de razão, ocupando o lugar de “Outro” na sociedade, além de ter sido totalmente excluído da esfera da verdade. Nesse contexto, a razão passa a ser o critério que desclassifica tudo aquilo que não pertence a sua ordem. Foucault identifica uma cisão entre Razão e Desrazão, a partir da qual se considera tudo o que foge à ordem da razão como ausência de razão. Temos o intuito de investigar de que forma a cisão razão e desrazão se deu, e de que forma ela foi decisiva no processo que culminou na loucura como doença mental. Houve uma grande mudança no que diz respeito à loucura e ao louco na Idade Clássica em relação à Idade Moderna. Já na Idade Moderna, devido à uma série de mudanças históricas, com o marco da reforma realizada por Pinel e Tuke, o advento da psiquiatria e alterações significativas na dimensão dos internamentos, o louco torna-se, por fim, um alienado. A loucura assume a forma de alienação, e o louco passa a ser um indivíduo cuja interioridade possui algo de inalienável (uma natureza, uma essência ou uma verdade). Se antes o louco era visto como alguém destituído de razão, agora essa razão se encontra apenas encoberta, e pode ser, portanto, resgatada; o louco é agora passível de cura. A loucura torna-se relativa à uma interioridade, à alma, à mente; ela é psicologizada, e o louco passa a ser doente mental. Foucault afirma que a loucura passa a apresentar uma linguagem antropológica, na qual podemos identificar a seguinte ambiguidade: o homem, simultaneamente, descobre sua verdade e se depara com a perda dessa mesma verdade. Na modernidade a doença mental se torna relativa à estrutura antropológica envolvendo a tríade: o homem, sua loucura e sua verdade.

Abstract

Foucault states that madness is a mutable and historically constituted figure. The philosopher shows how the concept of “Madness” has changed over time, and invites us to analyze which historical conditions had made possible that madness was considered as mental illness nowadays. He asks: How did our culture come to give the disease a sense of deviation and give to the sick a status that excludes him? The madman in the Classical Age was prevented from moving freely in the cities, locked up in the new internment houses. He is perceived as unreasonable, without reason, taking the place of "Other" in society, in addition to being totally excluded from the sphere of truth. In this context, reason becomes the criterion that disqualifies everything that doesn't belong to its order. Foucault identifies a rupture between Reason and Unreason, from which everything that's outside the order of reason is considered as the absence of reason. We intend to investigate how the rupture between reason and unreason took place, and how it was decisive in the process that culminated in madness as a mental illness. There has been a great change in the madness and the mad in the Classical Age in relation to the Modern Age. In the Modern Age, due to a series of historical changes, with the landmark of the reform carried out by Pinel and Tuke, the advent of psychiatry and significant changes in the dimension of hospitalizations, the madman becomes, finally, an alienated. Madness takes the form of alienation, and the madman becomes an individual whose interiority has something inalienable (a nature, an essence or a truth). If before the madman was seen as someone without reason, now that reason is only covered up, and can therefore be rescued; the madman is now curable. Madness becomes relative to an interiority, to the soul, to the mind; she is psychologized, and the mad person becomes mentally ill. Foucault says that madness starts to present an anthropological language, in which we can identify the following ambiguity: man, simultaneously, discovers his truth and faces the loss of that same truth. In modern times, mental illness becomes relative to the anthropological structure involving the triad: man, his madness and his truth.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Cisão entre Razão e Desrazão.....	12
Capítulo 2 – A loucura como Doença Mental.....	23
Capítulo 3 – O Círculo Antropológico.....	37
Considerações Finais.....	46
Referências.....	49

Introdução

Na obra “História da Loucura”, Michel Foucault empreende uma história da razão que é narrada a partir de suas sombras, isto é, com enfoque na história da desrazão, da loucura e da doença mental. Foucault identifica uma ruptura caracterizada pela cisão entre razão e desrazão, na Idade Clássica. Essa separação entre razão e desrazão condena a loucura ao lugar de desrazão, colocando-a como ausência de razão, o que resultou na sua completa exclusão da esfera da verdade. Temos o intuito de compreender de que forma a cisão razão e desrazão se deu, e de que forma ela foi decisiva no processo que culminou na loucura como doença mental.

No primeiro capítulo, afirmamos que até o final do Renascimento a loucura circulava de forma livre, no entanto, no século XVII, a loucura se depara com um período caracterizado por sua exclusão e silenciamento. Daremos enfoque para o aspecto moral, muito presente nos internamentos, nos quais a loucura fora trancafiada juntamente com todo o tipo tido como desviante à normal, à ordem da razão e da moral. É relevante ressaltar que a razão passa a ser o critério a partir do qual se exclui, desclassifica e interna uma grande parte da população. Sendo assim, essa parcela excluída é colocada como desrazão, ou ausência de razão. Além disso, abordaremos outro episódio importante, filosoficamente falando, protagonizado por Descartes – que exclui totalmente a loucura da ordem da razão afirmando que a loucura é a impossibilidade de pensamento. Nesse primeiro momento temos o intuito de compreender de que forma a cisão razão e desrazão, identificada na Idade Clássica, fora importante na constituição da loucura como doença mental.

No segundo capítulo partimos da análise de Foucault na qual ele afirma que a loucura é uma construção histórica, criada pelo homem, isto é, só existente na sociedade. O que implica em afirmar que ela não existe na natureza, em seu estado selvagem. Sendo assim, Foucault analisa as condições históricas que possibilitaram que a loucura fosse transformada em doença mental. Portanto, a questão que se coloca é: como foi possível que a loucura se tornasse doença mental? Foucault investiga, então, o longo e complexo processo por meio do qual a figura da loucura assumira o lugar de doença mental. Nesse capítulo demos enfoque para uma série de fatores institucionais, sociais, políticos, morais que contribuíram para essa constituição da loucura como doença mental, da loucura como alienação. Além de nos voltarmos para o advento da psiquiatria e da psicologia, que tiveram um protagonismo nesse processo.

No terceiro capítulo, observamos que Foucault aponta na modernidade uma relação antropológica que se estrutura entre o homem, sua loucura e sua verdade. Nesse sentido, o acesso à sua verdade agora se dá, curiosamente, por meio da loucura. O filósofo nos chama a atenção para esse importante movimento: é a partir da loucura que o conhecimento da verdade do homem torna-se objetivo. O louco se encontra agora aprisionado em um determinismo médico. A questão de sua liberdade é problematizada, visto que agora ele se preso, de certa forma, à sua verdade de louco. A liberdade clássica no que diz respeito à loucura, permitia que o louco constituísse outras relações com a loucura, e não só uma. Além disso, nessa nova forma de relacionar com a loucura, o homem encontra sua verdade, no entanto a perde, no mesmo movimento. A verdade só é dada ao homem na forma de alienação. O louco aparece em uma nova dialética que se dá entre o Mesmo e o Outro, na qual ele é ele mesmo, e outra coisa que não ele mesmo. E portanto, ele passa a ser a sua verdade e ao mesmo tempo o contrário dela. Além disso, destacamos o processo de dominação da razão sobre a loucura apontado na “História da loucura”, no qual a razão exerce uma dominação cunhada na exclusão daquilo que está fora de seus limites. Nesse processo, há o encobrimento da loucura em sua experiência trágica.

Capítulo 1 - Cisão entre Razão e Desrazão

Foucault identifica na “História da Loucura” uma ruptura que consiste na cisão entre razão e desrazão, na qual a loucura fora condenada ao lugar de desrazão, como oposição à ordem da razão, ausência de razão. Temos o intuito de investigar de que forma a cisão razão e desrazão se deu, e de que forma ela foi decisiva no processo que culminou na loucura como doença mental.

Desde a idade média o louco é aquele que é portador de um discurso que não pode circular como o das outras pessoas. A recepção à sua fala pode se dar de duas formas muito distintas: suas palavras podiam ser consideradas inválidas, nulas, ignoradas e consideradas destituídas de verdade; ou suas palavras podiam ser vistas como manifestação de uma verdade escondida, como detentoras de uma sabedoria, e serem vistas até mesmo como proféticas. Ou seja, é atribuído ao louco um caráter de revelação. Sobre a recepção da palavra do louco, Foucault afirma:

[...]pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância [...] pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição à todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. É curioso constatar que durante séculos a palavra do louco não era ouvida, ou então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada – rejeitada tão logo proferida; ou então nela se decifrava uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. (FOUCAULT, 1996, p.10-11)

Observa-se, então, essa dualidade: ou a fala do louco era ignorada, descartada ou ela era recebida como uma fala de mais importância que a das pessoas comuns. O louco muitas vezes era visto como se fosse dotado desse caráter de revelação, como o portador de uma verdade escondida que só ele teria acesso. Porém, independentemente de ser excluída ou considerada expressão de verdade, era através das palavras do louco que se reconhecia/identificava a sua loucura. Era justamente a partir de sua fala que se instaurava a separação, a cisão.

Na idade média e depois no Renascimento, o ocidente fora, de certa forma, receptivo às formas de experiência da loucura: “A loucura é no essencial experimentada em estado livre, ou seja, ela circula, faz parte do cenário e da linguagem comuns, é para cada um uma experiência cotidiana que procura mais exaltar do que dominar.” (FOUCAULT, 1975, p. 78) Nesse período a loucura habitava o meio social como uma expressão estética, cotidiana. A

loucura é objeto de fascínio, e ela fascina pelo fato de ser um saber difícil, esotérico. Segundo Foucault, a experiência da loucura no mundo ocidental era bastante polimorfa, e o fato de sua limitação, alienação no conceito de “doença” na nossa época, não deve nos desviar ou nos iludir acerca de sua exuberância originária. Ele afirma: “Até cerca de 1650, a cultura ocidental foi estranhamente hospitaleira a estas formas de experiência” (FOUCAULT, 1975, p. 78)

Foucault cita vários exemplos de manifestação da loucura no Renascimento. A “Nau dos Loucos” foi um dos maiores símbolos do início da Renascença. Consistia em um barco errante que carregava loucos de uma cidade para outra e que habitara fortemente a imaginação das pessoas nesse período. No âmbito artístico, o filósofo cita a pintura “Nave dos loucos” de Bosch, além mencionar a obra “Margot a Louca” de Breughel. Assim como o exemplo dos textos “Elogio da loucura” de Erasmo e “Stultifera navis” de Brant. Festas e danças dos Loucos foram celebradas na Europa durante todo o Renascimento. O teatro também foi de grande destaque ao que diz respeito à expressividade da loucura. O filósofo cita Shakespeare e Cervantes, que foram grandes marcos do fim do Renascimento, como exemplo do prestígio que a loucura outrora tinha.

Na “História da Loucura” há uma diferenciação entre o que Foucault chama de experiência trágica da loucura e consciência crítica da loucura. A primeira pode ser definida como uma experiência originária e fundamental da loucura, e é referente ao mundo e sua verdade. Enquanto que a segunda, a consciência crítica da loucura, é marcada por uma reflexão moral acerca da loucura. Centrada no discurso filosófico da loucura e relacionada com o julgamento moral. Portanto, a partir da leitura que Foucault faz da cisão entre razão e desrazão, ele afirma que a experiência da loucura trágica se relaciona com o mundo e com sua verdade, enquanto que a chamada consciência crítica da loucura aproxima-se da verdade do homem, além de ser mais próxima do julgamento moral e, por isso, aparentada à própria razão. Foucault diz ainda: “Esse confronto entre a consciência crítica e a experiência trágica anima tudo o que pôde ser sentido sobre a loucura e formulado a seu respeito no começo da Renascença” (FOUCAULT, 1972, p. 28). O embate entre essas duas dimensões teria marcado todo o período. Foucault afirma que Erasmo, Brant e toda a tradição humanista colocaram a loucura na dimensão do discurso, o que a tornara mais sutil, mas também a desarmou. O elemento trágico e o elemento crítico se separam de maneira cada vez mais intensa, deixando um abismo entre eles. O autor afirma que houve um declínio da experiência trágica e predomínio da consciência crítica da loucura no Renascimento. Embora houvesse uma

receptividade para com a loucura na época, a ascensão da crítica moral faz com que a desrazão seja vista como ilusão. Esse declínio da experiência trágica se deu justamente devido ao estabelecimento da consciência crítica da loucura. A ascensão da consciência crítica tem um papel fundamental, visto que é ela que possibilita a cisão razão e desrazão. Em seu auge, na Idade Clássica, a desrazão é quase que completamente encoberta e silenciada. É pertinente observar que o termo “desrazão” passa a ser utilizado a partir do final do Renascimento, e com o advento da Idade Clássica.

A partir do séc. XVII passa a ocorrer uma mudança brusca na qual a loucura entra em contato com um período de exclusão e silenciamento. O mundo da desrazão vira o mundo do internamento. São criados, na Europa inteira, estabelecimentos para internação. Foucault aponta essa transformação que se deu em relação à forma que a loucura era percebida e tratada. Antes, os loucos circulavam de forma livre, embora já vivenciassem certos tipos de exclusões e fossem vistos como pessoas distintas das outras, que destoavam do comum, sua existência em sociedade não era vista como um problema. A partir do século XVII, que coincide com primórdios da sociedade burguesa e com o foco no crescimento da produtividade, a loucura começa a ser vista como ameaça, desordem, erro, ilusão no âmbito da razão e da verdade. Os loucos tornam-se aqueles que vivem fora da ordem da razão.

A nova forma de relação da sociedade com a loucura consiste na sua interdição, isto é, no seu isolamento e exclusão nas casas de internação que surgiram em grande parte da Europa. Iniciou-se no classicismo uma percepção da loucura enquanto risco para a sociedade, como risco para a ordem, para a racionalidade instituída. Nessa época a loucura é trancafiada, isolada, juntamente com os devassos, os doentes venéreos, libertinos, os blasfemadores, os sodomitas e os alquimistas. Ela é aproximada do pecado, das formas excluídas da sexualidade, do universo das paixões. Todo o tipo de indivíduo visto como desviante à norma, à ordem da razão e da moral era trancafiado juntamente com ela.

Deste modo, a insanidade anexa para si um novo domínio: aquele no qual a razão se sujeita aos desejos do coração e seu uso se aparenta aos desregramentos da imoralidade. Os livres discursos da loucura vão aparecer na escravidão das paixões; e é aí, nessa citação moral, que vai nascer o grande tema de uma loucura que seguiria não o livre caminho de suas fantasias, mas a linha de coação do coração. Durante muito tempo, o insano tinha ostentado as marcas do inumano: descobre-se agora um desatino bastante próximo do homem, demasiado fiel às determinações de sua natureza, um desatino que seria como que o abandono do homem a si mesmo. (FOUCAULT, 1972, p. 102)

A loucura passa a pertencer a um grupo composto por personagens que outrora não tinham nenhum tipo de proximidade em relação à ela. Seu agrupamento com todo o tipo de indivíduo desviante, com as imoralidades, contribuiu para que ela assumisse uma forma de loucura-desregrada. A loucura, que antes era cósmica, inumana, perde seus poderes ao ser aproximada ao universo das paixões: se anteriormente era cósmica, agora é reduzida à tipos desviantes e condenados. O ponto em comum entre todos os diversos tipos que são internados nos novos estabelecimentos é a ociosidade ou incapacidade de fazer parte da produção. A ociosidade é o maior pecado no mundo do comércio, e a exclusão é o preço por não pertencer à essa esfera da produtividade e acumulação de riquezas. Os indivíduos vistos como inválidos, nesse sentido, como destoantes, são isolados e retirados de circulação. O Grande enclausuramento, foi o nome dado a esse fenômeno que atingiu toda Europa de enclausuramento em massa de todo tipo de desviados. Ele envolvia aspectos sociais, políticos, econômicos, e, sobretudo morais. O enclausuramento não apenas exclui da sociedade os indivíduos que não correspondem as suas regras; é importante ressaltar que ele produz toda uma população, isto é, dissolve os indivíduos criando uma massa homogênea:

Ora, o que caracteriza o século XVII não é o fato de haver ele avançado, menos ou mais rapidamente, pelo caminho que conduz ao reconhecimento do louco, e com isso ao conhecimento científico que se pode ter dele; é, pelo contrário, o fato de tê-lo distinguido com menos clareza; de certo modo, o louco foi absorvido numa massa indiferenciada. Esse século misturou as linhas de um rosto que já se havia individualizado há séculos (FOUCAULT, 2008, p 121)

Foucault defende que as mudanças em relação à loucura do XVII não significam um progresso em relação ao conhecimento científico da loucura. Para o filósofo, essas mudanças representam não um progresso na questão da loucura. Essas transformações contribuem na verdade para a dominação da loucura. Elas não vieram no sentido de um reconhecimento do louco, e que se daria no sentido de individualização do louco; muito pelo contrário, nesse período o louco passara por um processo de desindividualização ao ser agrupado com uma massa homogeneizada de indivíduos desviantes.

Na época Clássica o trato da loucura não se dava segundo um conhecimento teórico da loucura, sob critérios médicos, mas seguindo uma “percepção” produzida por diversas instituições do âmbito social:

Os critérios de internação, a designação de alguém como louco e sua conseqüente exclusão da sociedade não dependiam de uma ciência médica, mas de uma “percepção” do indivíduo como ser social; que o estatuto de louco era conferido não pelo conhecimento médico, mas por uma “percepção social”, dispersa e produzida por diversas instituições da sociedade como a polícia, a justiça, a família, a Igreja

etc., a partir de critérios que dizem respeito não à medicina, mas à transgressão das leis da razão e da moralidade. (MACHADO, 2006, p. 57)

Nas instituições de internações os loucos não eram tratados de acordo com o conhecimento médico teórico, mas sob uma percepção social de caráter moral. Roberto Machado (2006) aponta na “História da Loucura” dois domínios distintos: a percepção e o conhecimento. Nessa distinção o conhecimento consiste na produção teórica sobre a loucura, como por exemplo o discurso médico. Já a percepção depende de regras e critérios que não respondem ao discurso teórico e está ligada ao nível das instituições e ao próprio modo de agir do louco. Portanto, os critérios ligados à internação do louco estavam relacionados à essa dimensão da percepção e não ao conhecimento teórico médico da loucura. Esses critérios tinham como parâmetro as leis da razão e da moralidade, e o indivíduo que transgredisse esses parâmetros estava fadado a ser visto como louco e possivelmente excluído da sociedade, internado por isso. O desatino começa a ser avaliado na medida em que há um distanciamento da norma social. O uso da razão como critério exclui ou desclassifica toda a parcela da sociedade que não corresponde à esse critério. E essa parcela excluída é colocada como desrazão. Nesse sentido, Foucault afirma:

Estas casas não têm vocação médica alguma; não se é admitido aí para ser tratado, mas porque não se pode ou não se deve mais fazer parte da sociedade. O internamento que o louco, juntamente com muitos outros recebe na época clássica não põe em questão as relações da loucura com a doença, mas as relações da sociedade consigo própria, com o que ela reconhece ou não na conduta dos indivíduos. (FOUCAULT, 1975, p. 79)

Os indivíduos isolados nesses estabelecimentos não estavam neles para receber tratamento, mas devido à uma exclusão de cunho moral. Como foi dito, os espaços de internação não possuíam caráter médico, isto é, o tratamento lá oferecido era baseado em um conhecimento teórico médico. O louco nessa época não é, e está longe de ser visto como doente mental, mesmo porque não existia essa separação do físico e mental em relação ao conceito de doença na época Clássica. Os loucos e outros tipos tidos como desviados em relação às normas de conduta vigentes eram excluídos do convívio social, privados de sua liberdade. Há uma diferenciação entre os indivíduos que apresentam uma conduta “razoável”, isto é, aqueles cujas condutas estão de acordo com o que é esperado tendo em vista as exigências da razão e da moral, e os que desviam dessa conduta. Nesse sentido, é que o internamento do louco põe em questão as relações da sociedade consigo mesma (e com o que ela repele de si mesma). Foucault estava mais interessado em estudar aquilo que era rejeitado e excluído pela sociedade, do que em analisar aquilo que ela valorizava e afirmava. Na

medida que o que uma sociedade exclui diz muito dela enquanto sociedade, assim como de sua própria constituição. Podemos dizer que ao excluir aquilo que supostamente estaria fora dela, a sociedade também se constitui, de certa forma, através desse movimento de recusa, de exclusão.

O século XVIII percebe o louco mas deduz a loucura. E no louco, o que ele percebe não é a loucura, mas a inextricável presença da razão e da não razão. E aquilo a partir do que ele reconstrói a loucura não é a experiência múltipla dos loucos, é o domínio lógico e natural da doença, um campo de racionalidade. (FOUCAULT, 1972, p. 194)

O século XVIII percebe o louco, no entanto o que ele consegue identificar no louco não é a loucura, mas a ausência de razão. Além disso o que se afirma sobre a loucura não é pautado na real existência dos loucos e sim em uma analítica geral da doença. A loucura não considerada em sua especificidade, mas segundo a forma geral que a idade Clássica e sua medicina classificatória lidava com o conceito de doença.

Como poderia a loucura ocupar lugar nesse mundo das doenças cuja verdade se enuncia por si mesma nos fenômenos observáveis, enquanto no mundo concreto ela só se oferece sob seu perfil mais aguçado, o menos suscetível de ser apreendido, isto é, a presença instantânea de um louco, tanto mais percebido como louco na medida em que menos deixa transparecer a verdade aberta da loucura? (FOUCAULT, 1972, p. 196)

A loucura fora inserida no sistema classificatório da medicina clássica. No entanto sua inserção em tal sistema por si só já era problemática visto que a loucura não “encaixava” entre as doenças. Ela tinha outras particularidades. A verdade da loucura não se manifestava em fenômenos propriamente observáveis como era característico das doenças inseridas no sistema classificatório da época. A medicina classificatória pensa as doenças como espécies naturais. Na perspectiva classificatória, a doença, como a planta, corresponde à própria racionalidade da natureza. A loucura, como doença, deveria se localizar nesse espaço.

O uso da razão como critério desclassifica ou descarta a parcela da sociedade que não se adequa à ele. Muito mais do que simplesmente excluir, reprimir, trancafiar aqueles que violam as regras da moral e da razão, as internações produzem, criam um “outro” aos olhos da razão. Isto é, a internação não é somente algo negativo, no sentido de excluir apenas, mas também é positiva, constitutiva, ela é criadora de realidade e de saber, nesse sentido. De certo modo, a sociedade também pode se exprimir positivamente naquilo que ela exclui.

Nesse período, em que a loucura fora despojada de sua linguagem, silenciada, ela passa por um processo de exclusão da esfera da verdade. Podemos observar uma mudança radical na forma como a loucura era concebida: se antes lhe era atribuído um caráter especial de revelação da verdade e a fala do louco era tida como digna de certa atenção e até mesmo de fascínio, a partir do Renascimento fora ligada à desrazão além de destituída de verdade, e até mesmo de linguagem. Foucault afirma que se se pôde continuar a falar da loucura, tornou-se impossível que ela falasse de si mesma. O louco se torna o Outro da razão, da verdade, da sociedade. Foucault identifica uma ruptura caracterizada pela cisão entre razão e desrazão. Que consiste na redução da loucura à ausência de razão, Desrazão. Ela passa a ser vista como essa oposição, como desvio em relação à ordem dominante da razão e da moral. E se anteriormente havia um certo tipo de receptividade em relação ao louco, agora ele é visto como Outro em relação à razão. A razão passa a ser o critério, e ela autoriza a divisão entre o razoável e o não razoável (e exclui o que não está no seu domínio). Isto é, ela decide o que faz parte dela e o que está fora da sua dimensão. Ela torna-se o critério para julgar a desrazão, que passa a ser vista como perigo à ordem da razão.

Roberto Machado (2006) afirma que a própria categoria de desrazão se constitui com a organização e funcionamento das instituições de reclusão. O enclausuramento do louco em instituições foi um acontecimento de grande importância no que diz respeito à consolidação da loucura enquanto desrazão. O Grande enclausuramento representa uma descontinuidade com a condição do louco no Renascimento, no entanto essa ruptura não é total, visto que Foucault sustenta que há sempre condições de possibilidade antecedentes.

O autor denuncia um processo de dominação da loucura pela razão que é caracterizado pelo encobrimento da experiência trágica da loucura. A dominação da loucura se dá através de um confisco de suas forças e integração na dimensão da razão. A Loucura fora despida de seus poderes anteriores, destituída do seu contato com a verdade. Tendo em vista essa exclusão da loucura do domínio da razão e da verdade, questionamos: Como foi possível fazer essa separação entre razão e desrazão? A loucura estaria de fato separada da razão? E ainda: qual seria a relação entre desrazão e verdade?

Foucault afirma que Descartes teria sido responsável por um momento marcante, filosoficamente falando, ao excluir a loucura da ordem da razão. Na obra “Meditações metafísicas”, Descartes, realizando o movimento da “dúvida hiperbólica” questiona:

Mas, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare e a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos. (FOUCAULT [1961], 2019, p. 45).

Segundo Descartes, por mais ilusórias que sejam as representações advindas nos sentidos ou dos sonhos, elas ainda mantêm um certo resíduo de verdade, um fundo de realidade. Isto é, mesmo que os sentidos enganem, resta ainda algumas coisas e condições que parecem ser indubitáveis, racionalmente. E mesmo as representações oníricas se formam de maneira semelhante de algo real e verdadeiro. Descartes não lida da mesma forma em relação à loucura, de modo que ele vai dizer que a loucura não relação alguma com a verdade ou com a razão, excluindo-a do processo da dúvida. Foucault defende que há um desequilíbrio fundamental, na economia da dúvida, que se dá na questão da loucura considerada em relação ao sonho e ao erro. Esse desequilíbrio se dá na questão da verdade. Enquanto sonhos ou erros são superados na própria estrutura da verdade, a loucura é descartada ou excluída do movimento da dúvida. Descartes descarta a possibilidade de que a loucura interfira no processo da dúvida, concluindo que se o indivíduo pensa, ele não pode ser louco. Descartes coloca então a loucura como impossibilidade do pensamento: se alguém é louco, não pode pensar. Somente o “Eu” que pensa pode não estar louco e ser digno de existência, visto que a loucura aparece como impossibilidade do pensamento do indivíduo que pensa. O louco é, portanto, o sujeito que não pensa, a loucura, nesse sentido, é excluída do pensamento e da razão:

A Não Razão do século XVI constituía uma espécie de ameaça aberta cujos perigos podiam sempre, pelo menos de direito, comprometer as relações de subjetividade e da verdade. O percurso da dúvida cartesiana parece testemunhar que no século XVII esse perigo está conjurado e que a loucura foi colocada fora do domínio do qual o sujeito detém seus direitos à verdade: domínio este que, para o pensamento clássico, é a própria razão. Doravante, a loucura está exilada. (FOUCAULT, 1972, p. 47)

A loucura sempre representou uma ameaça para o imaginário ocidental. Afinal, não se podia afirmar com certeza não ser louco, assim como não podia se afirmar com certeza não estar sonhando. O filósofo se desvencilha dos perigos da loucura, de certa forma, ao sustentar

que a loucura é a impossibilidade de pensamento e o louco aquele que não pensa. Com essa resolução, Descartes adquire a certeza de não estar louco: “a loucura não pode mais dizer-lhe respeito”. Pois, como afirma Foucault (1972) “o perigo da loucura desapareceu no próprio exercício da Razão”. Essa exclusão da loucura da ordem da razão realizada por Descartes foi extremamente importante do ponto de vista da consciência crítica da loucura. Inclusive no sentido de colocar a loucura nesse lugar de Desrazão, já que o pensador à reduz à ilusão e impossibilidade de pensamento. À respeito do louco, Foucault indaga:

E, antes de mais nada, o que é o louco, portador de sua enigmática loucura, entre os homens de razão, entre esses homens de razão de um século XVIII ainda em suas origens? Como é que se reconhece esse louco, tão facilmente identificável ainda um século antes em seu perfil bem recortado, e que agora deve cobrir com uma máscara uniforme tantos rostos diferentes? Como é que se pode apontá-lo, sem errar, na proximidade cotidiana que o mistura a todos os não loucos e no inextricável cadinho dos traços de sua loucura com os signos obstinados de sua razão? (FOUCAULT, 1972, p. 183)

Tendo em vista o fato de que a loucura nos escapa e a impossibilidade de defini-la de uma forma precisa, nos deparamos com a seguinte contradição: embora não saibamos onde começa a loucura, sabemos, de uma forma inquestionável, o que é louco. Diante dessa problemática, Foucault questiona: “Como se faz esse reconhecimento tão inquestionável do louco?” Isto é, diante de uma falta de precisão em definir a loucura, como é que se pode apontar de uma forma tão inquestionável o louco? Como é possível identificar, afirmar com tanta certeza a loucura de certo indivíduo, se não se tem sequer uma definição segura da própria loucura? Segundo Foucault, a essência geral da loucura não tem uma forma assinalável. “O louco não é manifesto em seu ser, mas se ele é indubitável, é porque ele é outro” (FOUCAULT, 1972, p. 189). Ou seja, sua identificação talvez se deva à sua “outridade” em relação aos outros: “O louco é o outro em relação aos outros: o outro – no sentido da exceção - entre os outros – no sentido do universal. [...] o louco é mais ou menos diferente no grupo dos outros que, por sua vez, é mais ou menos universal.” (FOUCAULT, 1972, p.189). O louco torna-se relativo, uma exceção em relação ao universal. Foucault afirma que ele representa “a diferença do Outro na exterioridade dos outros”.

O decreto do “este aqui é louco”, que não é aberto à contestações, não é baseado em domínio teórico algum sobre o que seja a loucura. O filósofo cita uma passagem em que Sauvages fala sobre o reconhecimento do louco:

Quando um homem age em conformidade com as luzes da razão sadia, basta atentar para seus gestos, seus movimentos, seus desejos, seus discursos, seus raciocínios,

para descobrir a ligação que essas ações têm entre si e o fim para o qual tendem. Do mesmo modo, tratando-se de um louco, não é necessário que ele elabore falsos silogismos para perceber a alucinação ou o delírio que o atingiu; seu erro e sua alucinação são facilmente perceptíveis através da discordância que existe entre suas ações e a conduta dos outros homens. (FOUCAULT, 1972, p. 187)

Isto é, o procedimento pelo qual se torna possível que o louco seja reconhecido só é possível a partir de uma referência à ordem da razão. E essa referência parece estar atrelada à um modelo de homem, de comportamento, características, atributos que nos remeteria à essa tal razoabilidade; à percepção do que seria um homem “razoável”. Portanto, o reconhecimento que se manifesta através da frase “este é um louco” não é espontâneo. O autor (1975) afirma que esse reconhecimento é constituído de “um certo número de operações prévias e sobretudo neste recorte do espaço social segundo as linhas da valorização e da exclusão”.

O que se identifica de fato na percepção do louco não é a loucura, mas a presença ou ausência da própria razão. Ironicamente aonde supostamente se identifica a loucura, há a ausência de loucura. Foucault afirma que uma certa ausência da loucura teria imperado sobre toda essa experiência da loucura, e que haveria uma certa positividade justamente nessa ausência de loucura. “A partir do século XVII, a loucura se deslocou imperceptivelmente na ordem das razões: outrora ela estava mais do lado do “raciocínio que bane a razão”. Deslizou agora para o lado de uma razão silenciosa.” (FOUCAULT, 1972, p.185). A Loucura teria então se deslocado para a ordem das razões. Ela assume uma forma mais sutil e menos assinalável, mais próxima da razão:

A loucura torna-se uma das próprias formas da razão. Aquela integra-se nesta, constituindo seja uma de suas forças secretas, seja um dos momentos de sua manifestação, seja uma forma paradoxal na qual pode tomar consciência de si mesma. De todos os modos, a loucura só tem sentido e valor no próprio campo da razão.(FOUCAULT, p. 33, 1972)

A loucura torna-se uma de suas formas, uma de suas forças. Foucault chegará até a afirmar que o segredo da loucura é o de ser secretamente razão. Pode-se afirmar que a loucura só é loucura no campo da razão, já que a razão é que a torna loucura. Nessa perspectiva, além de a loucura ser considerada interior à razão, afirma-se que ela inclusive caracterizaria a razão. Observa-se que não só a razão que caracteriza a loucura, mas que a loucura também caracteriza a razão, de certo modo. Quando a loucura é excluída da dimensão da razão, essa exclusão a constitui (enquanto loucura); além disso, a própria razão moderna, de certo modo, também se constitui ao excluir a loucura de seu domínio. Tanto a loucura quanto a razão se

constituem, de certo modo, em oposição em relação à outra. Foucault diz ainda que sem o louco a razão seria privada de sua realidade, e que ela só assegura sua certeza na posse da loucura. A razão estaria inevitavelmente ligada à loucura e o desatino não seria exterior à razão, mas justamente o contrário.

Num mesmo movimento que caracteriza imediatamente a negatividade do louco no irracional, mas reconhece a si mesma no conteúdo racional de toda loucura, Ela se reconhece como conteúdo, como natureza, como discurso, enfim, como razão da loucura, ao mesmo tempo que avalia intransponível distância entre a razão e a razão do louco. Nesse sentido, o louco pode estar inteiramente investido pela razão, dominado por ela, uma vez que é ela que secretamente o habita; mas a razão o mantém sempre fora dela mesma; se tem alguma ascendência sobre ele, é do exterior, como um objeto. Essa condição de objeto, que mais tarde fundará a ciência positiva da loucura, está inscrita a partir dessa estrutura perceptiva que analisamos no momento: reconhecimento da racionalidade do conteúdo no próprio movimento com o qual se denuncia aquilo que existe de irracional em sua manifestação. É bem esse o primeiro e o mais aparente dos paradoxos do desatino: uma imediata oposição à razão que só poderia ter por conteúdo a própria razão. (FOUCAULT, 1972, p. 193)

Foucault destaca o paradoxo no qual a razão toma se reconhece no conteúdo racional da loucura, como razão da loucura, no entanto traça um limite intransponível entre si e a razão do louco. Ela mantém o louco sempre exterior à ela, e o considera como objeto, mesmo que seja a própria razão que habite a loucura secretamente.

O filósofo aponta a existência de um processo orientado precisamente para a dominação da dimensão da loucura pela ordem razão, no qual a experiência da loucura trágica teria sido encoberta, silenciada. Esse momento de ruptura entre razão e desrazão consiste em um momento essencial no processo que instituirá a loucura como doença mental. Foucault irá analisar as condições históricas que possibilitaram que a loucura fosse considerada doença mental nos dias atuais. O filósofo se voltará para o complexo processo através do qual a loucura é transformada em “doença mental”. Nessa investigação, os adventos da psicologia e da psiquiatria teriam um importante papel. Assim como explorar as condições políticas, econômicas e sociais que as tornaram possível essa conversão da loucura em alienação. A questão que se coloca é: como foi possível que a loucura se tornasse doença mental? Como foi possível que a loucura se tornasse objeto de conhecimento científico?

Capítulo II – A loucura como doença mental

O percurso histórico da loucura, do ponto de vista das formas de experiência histórica, não consiste em uma história progressiva em direção à descoberta da verdade, ou à essência, natureza da loucura. Foucault afirma que a loucura não pode ser encontrada em seu estado selvagem, visto que ela só existe em uma sociedade que a reconheça como loucura. Isto é, a loucura só pode ser loucura em uma sociedade que a julga e classifica como tal. Isso implica em dizer que a loucura não seria um objeto natural existente desde sempre esperando para ser descoberto pelo homem, a loucura teria sido criada pelo próprio homem. Contrário à ideia amplamente difundida de que a loucura teria um caráter originário, uma essência a ser descoberta, Foucault defende uma desnaturalização da loucura. Portanto, para o autor não existe a loucura em si, independentemente das condições sociais, históricas. Podemos dizer que para Foucault a loucura seria um produto histórico. Nessa perspectiva, a loucura como doença mental só existe em sociedade, ela só adquire sentido se analisada no complexo histórico de condições anteriores que a possibilitaram. Isto é, a patologia mental sendo um produto histórico, só existe na medida em que condições históricas de possibilidade a tornaram possível. A visão de Foucault, acerca das patologias, ia de contra às visões da época tendo em vista o fato de que assim como a medicina orgânica, a medicina mental realizou inicialmente o esforço de tentar compreender a essência da doença a partir de seus sintomas. Ao invés de tentar capturar a “realidade” da doença mental, isto é, buscar o fundamento objetivo do qual a doença mental seria a manifestação, ou investigando a natureza da doença mental, Foucault escolhe a via histórica.

O filósofo mostra como a concepção de “Loucura” mudou ao longo do tempo, e nos convida a analisar quais condições históricas possibilitaram que ela fosse considerada doença mental nos dias atuais. Foucault expõe o vagaroso processo no qual a loucura é transformada em “doença mental”. E para além disso, investiga o processo que consistiria na dominação da loucura pela razão, no qual a psiquiatria teria assumido um importante papel. A questão que se coloca é: como foi possível que a loucura se tornasse doença mental? E nesse sentido: quais foram as condições históricas que possibilitaram tal coisa? Foucault (1975) questiona: “Como chegou a nossa cultura a dar à doença o sentido de desvio e ao doente um status que o exclui?”. Acrescenta que foi em uma época relativamente recente que o ocidente concedeu à loucura um status de doença mental.

Pode-se apontar uma ruptura entre a história clássica e moderna em relação à loucura, e quanto ao conceito de doença. Na idade clássica, a doença era vista dentro de um sistema classificatório, e sempre considerada como uma totalidade, no sentido de que até então não havia a separação entre o físico e o mental do ponto de vista médico. Não havia psicologia, visto que não havia a delimitação do “mental”, ou divisão entre o “externo” e o “interno, isto é, não havia o conceito de interioridade. Além disso, é importante destacar que antes da criação da psiquiatria não existia uma medicina especial que se ocupasse especificamente pelo mental. Isto é, não havia propriamente hospital psiquiátrico, ou seja, uma instituição com fins terapêuticos para tratar de doentes mentais. Portanto, segundo o filósofo, não se pode, conceitualmente, falar de doença mental antes do século XIX. Visto que, anteriormente, a loucura estava integrada em um tipo de racionalidade própria da época clássica, e a forma de tratamento da loucura não era submetida à um conhecimento teórico médico sobre ela.

Foucault aponta uma importante cisão entre Loucura e Desrazão. Essa separação, que ocorre gradualmente, resultará em um total afastamento das duas e na transformação tanto no conceito de loucura quanto em sua realidade. A loucura atingirá uma autonomia em relação à desrazão, o que abrirá caminho para a ascensão da loucura como doença mental. Foucault investiga essa cisão entre loucura e desrazão nos dois níveis: o do conhecimento (esfera teórica) e o da percepção (esfera institucional/prática do internamento). Na dimensão institucional, Foucault analisará o deslocamento e a reestruturação dos espaços de internamento. Nesse aspecto, ocorre uma mudança decisiva, no que diz respeito à loucura, que consiste na modificação das instituições que passam ser reservadas somente para os loucos. No entanto, essa mudança não significa uma libertação do louco, e sim a consolidação de um espaço de isolamento especificamente para o louco, aquele que não se deve deixar em liberdade. Foucault irá privilegiar a análise da dimensão da percepção, o nível institucional no que diz respeito ao deslocamento da desrazão para a doença mental. A medicina não se encontra no início desse processo de transformação da loucura para doença mental, e sim, no final desse processo. A loucura como doença mental se constituiu sobretudo devido à vários fatores de ordem institucionais, econômicos, sociais.

Tendo em vista esses fatores que foram relevantes na constituição da loucura enquanto doença mental, é preciso apontar o surgimento do capitalismo como um fator determinante no que se refere à transformação interna das instituições de internamento. A necessidade de operários para seu desenvolvimento, faz com que o capitalismo nascente veja a população

como força de trabalho produtiva. Anteriormente a população pobre e ociosa, como não era encarada como produtiva, era alvo de internamento. Ou seja, era excluída de circulação por não pertencer à esfera da produtividade. Com o surgimento do capitalismo, essa mesma população, torna-se valorizada, pois passa a ser vista como força de trabalho. Sendo assim, ocorre uma transformação da política assistencial, visto que agora não se deve internar os pobres aptos para o trabalho, mas assisti-los. Nesse sentido, há a diferenciação entre “pobres válidos” e “pobres doentes”, sendo que os segundos são considerados inválidos, inúteis do ponto de vista econômico. Os “pobres doentes” deveriam continuar sendo internados, justamente pelo fato de não terem sido considerados aptos para o trabalho. Acerca da transformação das casas de reclusão em espaços destinados somente para os loucos, Machado (2006) afirma que:

A grande mudança que assinala a segunda metade do século XVIII com relação aos loucos é seu isolamento solitário proveniente do esfacelamento da categoria de desrazão, de sua incapacidade para o trabalho e impossibilidade de assistência a domicílio, devido à periculosidade que caracteriza sua existência livre. (MACHADO, 2006, p. 68)

Pode-se afirmar que essa transformação nos internamentos ocorrida nesse período, que agora passam a ser especificamente para os loucos, fora determinante para o destino histórico da loucura. Podemos observar que essas mudanças ocorridas nos internamentos têm todo esse pano de fundo econômico, político, social que coincide com surgimento do capitalismo.

No que diz respeito ao aspecto teórico, o surgimento de uma consciência histórica da loucura foi relevante. Nesse aspecto, a relação entre a loucura, o mundo, e a natureza adquire um lugar central, na qual a causa da loucura passa a ser o mundo:

O que é importante nessa reflexão sobre o mundo, aqui tematizado a partir da noção de forças penetrantes, é sua oposição à natureza. Como progresso, história, o mundo é o meio social que, afastando o homem da natureza, torna possível a loucura. Esta passa a ser não mais ausência de razão, mas perda da natureza e da natureza própria do homem, alternando a sensibilidade, os desejos, a imaginação. A tese de Foucault aparece claramente: deixando de ser desrazão, a loucura, relacionada à sociedade e considerada perda da natureza, antes de ser doença mental, torna-se alienação. (MACHADO, 2006, p. 65)

A loucura passa a ser fruto da relação do homem com o mundo, na qual a sociedade seria responsável por afastar o homem da natureza, assim como da perda de natureza do próprio homem, de sua alienação. O homem, em sua relação com a loucura, agora não perde mais a verdade, mas a sua própria verdade. A loucura não é mais Desrazão, como na época

clássica; agora ela é alienação, se passa no interior do próprio indivíduo e diz respeito à verdade do homem. O fenômeno da loucura passa para o interior do sujeito.

Foucault vai falar de duas dimensões relevantes no que se refere à constituição dessa nova forma da loucura: a prática social e a experiência jurídica da loucura. É importante ressaltar que no século XVII a loucura se torna matéria de sensibilidade social. A loucura é aproximada ao crime, à desordem e ao escândalo, assim como eles, ela passa a ser julgada pelas formas mais primitivas da sensibilidade social. É “socializado” cada vez mais o poder de decidir sobre o reconhecimento da loucura nos indivíduos apontados como supostos loucos. Nesse sentido, é confiado ao cidadão a tarefa de julgar a loucura, isto é, lhes são atribuídos: “[...] poderes de estabelecer as fronteiras da ordem e da desordem, da moral e da imoralidade, podendo assim julgar a loucura” (MACHADO, 2006, p. 69). As famílias passam a ter um poder de julgar a loucura. A consciência pública vira então instância de julgamento. Além disso, o internamento passa a responder, a partir de um certo ponto, a um procedimento jurídico da interdição. Portanto, o poder de decisão passa por uma autoridade judiciária no que diz respeito aos internamentos. A parte ligada ao reconhecimento da loucura no direito se dava por meio do diagnóstico realizado pela medicina. Visto que, somente o médico é considerado capaz de julgar se um determinado indivíduo está louco ou não; isto que é, o médico é único capaz de detectar a loucura no sujeito julgado.

Foucault vai apontar a existência de uma defasagem entre a teoria jurídica da loucura e a prática social. Enquanto a teoria jurídica da loucura apresenta uma forma bem elaborada com a finalidade de deliberar a respeito da loucura, juntamente com o auxílio da medicina, visando discernimento em relação a seus limites e formas; pode-se afirmar que a prática social é quase policial, visto que faz uso de formas de interdição repressoras, além de apreender de um modo global o fenômeno da loucura, deixando de levar em conta as distinções e sutilezas preparadas pela teoria judiciária. Esse desencontro entre as duas se dá pelo fato de que a primeira é referente a uma experiência da pessoa como sujeito de direito, envolvendo a análise de suas obrigações; e a segunda à experiência do indivíduo enquanto ser social:

Tanto que se veem esboçar duas esferas estranhas uma à outra. Parece que durante toda a idade clássica a experiência da loucura foi vivida de dois modos diferentes. Teria havido como que um halo de desatino que envolve o sujeito de direito; ele é cercado pelo reconhecimento jurídico da irresponsabilidade e da incapacidade, pelo decreto da interdição e pela definição da doença. Teria havido um outro halo de desatino, aquele que envolve o homem social, cercado simultaneamente pela consciência do escândalo e pela prática do internamento. (FOUCAULT, 1972, p. 134)

Pode-se afirmar que quando o homem é considerado enquanto sujeito de direito, na medida em que é um alienado, é liberto de suas responsabilidades; já se ele é considerado enquanto ser social é culpabilizado, uma vez que é comprometido pela loucura. Portanto, observa-se essa discrepância entre essas duas esferas. Ao que parece, a experiência da loucura foi vivida segundo essas duas dimensões distintas durante toda a Idade Clássica. Foucault sustenta que a constituição da ciência médica das doenças mentais se fundou sobre a experiência jurídica da alienação. Ou seja, quando se analisa a constituição da loucura como doença mental deve-se levar em conta esses dois fatores: a experiência jurídica da loucura, e também a prática social, que envolvia o aspecto da moralização. É importante destacar no internamento do homem social, que se dá através da interdição do sujeito jurídico, o indivíduo alienado é reconhecido como incapaz e como louco pela primeira vez. Portanto, é através da experiência jurídica da alienação que vai se delimitar um estatuto a fim de se identificar um indivíduo incapaz, ou “perturbador do grupo”, a partir de parâmetros morais e políticos.

Os internamentos assumem uma outra forma no final do séc. XVIII. Nesse período ocorre uma reforma que teve como expoentes Pinel, na França, e Tuke, na Inglaterra. Seus personagens são vistos como símbolos do advento um humanismo, da psiquiatria, de uma ciência positiva. Essa reforma supostamente teria sido um marco no sentido de “libertação” da loucura de suas correntes. No entanto, Foucault afirma que a reforma realizada por Pinel e Tuke, que qualificara os loucos como doentes, não fora uma “libertação” da loucura, e que muito menos teria se ocorrido devido à uma benevolência:

A humanização produzida por Pinel e por Tuke em York é na verdade, peça maior de novas formas de disciplina ligadas a um modelo de poder que pode agora agir sobre o “mental”, pode dissociar as práticas de intervenção corporal e os jogos de influência, de sugestão e de identificação que se desdobrarão inicialmente como “tratamento moral” e se consolidarão como “poder psiquiátrico” (SAFATLE, [2019] [1972], p. 14-15)

Essa “libertação” da loucura seria na verdade um movimento que permite, legitima a ação do poder na esfera do “mental”. Portanto, não se tratara de uma libertação de fato, e sim de uma ação de dominação que se expandira agora para a esfera do “mental”. Essa reforma, segundo Foucault, consiste em só mais um estágio do processo de dominação da loucura pela razão. O internamento, como já mencionado, agora liberto da proximidade com os demais tipos tidos como desviados; passa a ter um tratamento de caráter médico:

Durante muito tempo, o pensamento médico e a prática do internamento haviam permanecido estranhos um ao outro [...]. Ao final do século XVIII, essas duas

figuras se aproximam, com o objetivo de uma primeira convergência. Não se trata de uma iluminação, nem mesmo de uma tomada de consciência, que teria revelado, numa conversão do saber, que os internos eram doentes; mas sim de um obscuro trabalho no qual se defrontaram o velho espaço de exclusão, homogêneo, uniforme, rigorosamente limitado, e esse espaço social da assistência que o século XVIII acabou de fragmentar, de tornar polimorfo, segmentando-o segundo as formas psicológicas e morais da devoção. (FOUCAULT, 1972, p. 438)

O conhecimento médico e a prática do internamento, que sempre foram distantes um do outro, se aproximam nesse período. Foucault reitera que essa aproximação não acontece devido à um esclarecimento, iluminação ou benevolência. Ocorre uma reestruturação interna das instituições de internamento. Aos poucos o asilo vai assumindo um caráter terapêutico e o médico assume o lugar de mais alta importância: de agente terapêutico nesse processo. O internamento ganha uma legitimidade moral, terapêutica, científica; no entanto, pode-se afirmar que o tratamento ainda possuía um cunho mais moral do que propriamente terapêutico:

[...] o louco tinha que ser vigiado nos seus gestos, rebaixado nas suas pretensões, contradito no seu delírio, ridicularizado nos seus erros: a sanção tinha que seguir imediatamente qualquer desvio em relação a uma conduta normal. E isto sob a direção do médico que está encarregado mais de um controle ético que de uma intervenção terapêutica. Ele é, no asilo, o agente das sínteses morais (FOUCAULT, 1994, p. 82).

A conduta do louco estava sob vigilância constante. O paciente era constantemente culpabilizado e infantilizado em suas ações, além de punido por elas. É imposta à loucura grande relação com o erro e com a minoridade. O médico ali ocupava o papel de uma autoridade moral, e várias práticas realizadas naquele período tinham mais a função de castigar, punir, repreender e culpabilizar o paciente do que objetivos terapêuticos. Se faz necessário enfatizar que a ruptura em relação à Idade Clássica e suas estruturas de lida como a loucura, não são totais. Embora seja evidente o fato de que ocorreram mudanças significativas no tratamento da loucura na época moderna, assim como no conceito de doença; as rupturas entre a época clássica e a modernidade não são totais:

É certo, e mesmo fundamental, que o Grande Enclausuramento assinala uma descontinuidade com a situação do louco no Renascimento, o mesmo acontecendo com o asilo de Pinel e Esquirol em relação à reclusão clássica. Além disso, a teoria psiquiátrica não é homogênea à nosografia clássica ou à consciência crítica da loucura no Renascimento. Mas a descontinuidade histórica não é total: as práticas de uma época dependem do que passou, no sentido de que há sempre condições de possibilidade antecedentes. (MACHADO, 2006, p. 80)

A ruptura não é total pois a psiquiatria possui condições históricas de possibilidade que são anteriores à ela. Pode-se afirmar que nosso conhecimento científico e médico da

loucura tem suas raízes na constituição anterior, na época clássica, na qual a loucura era tratada como desrazão. Ou seja, uma experiência moral da desrazão se localiza no fundo, nas bases do nosso conhecimento científico da doença mental. Podemos afirmar que as bases dos saberes psicológicos e psiquiátricos se edificarão sobre esse fundo moral proveniente da época clássica. Ainda, que há na modernidade muitos resquícios, incluindo práticas punitivas e moralizantes, que podem ser considerados reverberações do período clássico. Segundo Foucault não há descontinuidade total entre esses períodos. Pode-se afirmar que o tratamento tinha sobretudo a função de controle moral do louco.

Foucault assinala um importante movimento que consiste no deslocamento da loucura para uma interioridade, para a dimensão interior do homem:

No novo mundo asilar, neste mundo da moral que castiga, a loucura tornou-se um fato que concerne essencialmente à alma humana, sua culpa e liberdade; ela inscreve-se doravante na dimensão da interioridade; e por isso, pela primeira vez, no mundo ocidental, a loucura vai receber status, estrutura e significação psicológicos. (FOUCAULT, 1975, p. 83)

A percepção da loucura como doença da alma é recente. Foucault problematizou a questão das relações possíveis entre a doença orgânica e a doença relativa à alma do sujeito. O filósofo se voltou, em seus trabalhos iniciais, para a distinção entre as particularidades da doença mental em comparação com a doença orgânica. Chegando a questionar, inclusive, se seria realmente adequado usar o termo “doença” ao nos referirmos à dimensão da psique humana. Na medicina clássica o corpo e a alma não são entendidos como coisas distintas, então, as doenças não eram entendidas como doenças mentais, já que não havia algo como a dimensão do “mental”. Ou seja, as doenças não eram entendidas como doenças psicológicas, justamente porque não existia nem mesmo a noção de dimensão psicológica que envolve uma interioridade. Ainda no século XVIII, os transtornos que seriam considerados mentais hoje, eram remetidos ao corpo. As doenças se tornaram, de fato, psicológicas tardiamente, a partir da delimitação de uma interioridade. Podemos ressaltar o movimento em que a loucura se desloca para uma interioridade: “É na ênfase conferida à dimensão interna do homem que ele passará a ser compreendido nas relações entre o que lhe é interior e exterior: a dimensão interna torna significativas as relações com o mundo externo, dualidade não questionada no período clássico.” (SILVEIRA, 2015, p. 135) Portanto, é a partir de uma demarcação de um lugar da interioridade é que se passa a considerar o homem em relação à uma dimensão interior, própria, e uma dimensão exterior a ele. Essa dualidade surge a partir dessa

demarcação. E através dessa distinção, o que era doença será relativo ao orgânico, e o que era relativo à desrazão torna-se referente ao psicológico.

A distinção entre o físico e o moral só se tornou um conceito prático na medicina do espírito no momento em que a problemática da loucura se deslocou para uma interrogação do sujeito responsável. O espaço puramente moral, então definido, dá as medidas exatas dessa interioridade psicológica na qual o homem moderno procura, ao mesmo tempo, sua profundidade e sua verdade. (FOUCAULT, 1972, p. 338)

O sujeito passa a ser responsável, juridicamente falando, por sua condição. O indivíduo que agora se sente culpado diante de sua própria condição. Ele agora é diagnosticado, o que constitui mais fortemente essa dimensão interior, psicológica. Nesse contexto, a loucura é patologizada, transformada em doença mental. A percepção da loucura torna-se reconhecimento da doença. E o homem, por sua vez, torna-se “psicologizável”. A relação da loucura com a culpa, com a culpabilidade do louco passa a ter grande importância nesse ponto. Tendo em vista o asilo como grande instância permanente de julgamento do louco.

Como foi dito anteriormente, a consciência pública se tornara instância de julgamento, de reconhecimento da loucura. A consciência pública enquanto instância de julgamento instaura uma dimensão psicológica do crime. No sentido de que o criminoso passa a ser analisado no que diz respeito às suas motivações subjetivas, à sua interioridade. Portanto, o crime passa por uma interiorização, por uma subjetivação, isto é, passa a se analisar uma “profundidade” no comportamento do criminoso. Podemos falar que a partir desse momento o crime se psicologiza. Para Foucault, a constituição do júri popular pode ser considerada como uma das condições históricas de possibilidade do surgimento da psicologia enquanto “ciência”. Pode-se afirmar que o fato de a loucura ter se tornado “psicologizável” é apenas o lado aparente que oculta o lado obscuro de um sistema moral e punitivo de enclausuramento do louco:

O homem só tornou-se uma “espécie psicologizável” a partir do momento em que sua relação com a loucura permitiu uma psicologia, quer dizer a partir do momento em que sua relação com a loucura foi definida pela dimensão exterior da exclusão e do castigo, e pela dimensão interior da hipoteca moral e da culpa. Situando a loucura em relação a estes dois eixos fundamentais, o homem do começo do século XIX tornava possível uma tomada sobre a loucura e através dela uma psicologia geral (FOUCAULT, 1975, p. 84).

Foucault afirma que o homem torna-se “psicologizável” somente quando a sua relação com a loucura permite o surgimento da psicologia. Nesse contexto, o louco, o sujeito da

psicologia, passa a ser considerado doente mental. O advento da psicologia se deu como resultado de operações que envolvem a exclusão da loucura da esfera social, tratamentos moralizantes e punitivos; além da relação do homem com a dimensão da culpa. O louco agora como doente mental, portador dessa doença da qual não é mais culpado, desenvolve uma relação íntima com a culpa, visto que agora ele deve se sentir responsável por todas as coisas que podem perturbar a moral e a sociedade, devendo agora culpar a si mesmo pelos castigos que ele vir a receber.

Foucault afirma a existência de um abismo entre a loucura e a psicologia. E que esse abismo acaba por tornar vãos os esforços da psicologia em definir e tratar a loucura em sua totalidade. A “doença mental”, segundo o autor, nada mais seria que loucura alienada. Foucault afirma que a psicologia nunca poderia dizer a verdade da loucura, já que seria a loucura que teria a verdade da psicologia. Acrescenta ainda que a psicologia “positiva” e “científica” acha seu fundamento em uma patologia, em uma negatividade. A loucura é positivada como doença mental. Fora a loucura que fundara a possibilidade do nascimento de todo o saber psicológico, do advento da psicologia. É preciso dizer que a psicologia, surgiu, a princípio, da contradição do homem com a sua prática. Foucault vai dizer que a psicologia contemporânea nasce como uma análise do anormal, do patológico, das contradições do homem consigo próprio. Sendo assim, se ela se metamorfoseou em uma ciência do normal, do organizado, isso se deve a um esforço em dominar as suas contradições. A psicologia realiza uma apropriação do “anormal” como seu próprio objeto e realizará esforços para “positivá-lo”. Nesse sentido, é correto afirmar que a negatividade torna-se a positividade da psicologia. Diante disso, Foucault questiona até que ponto a psicologia é capaz de, efetivamente, dominar essas contradições que possibilitaram seu nascimento. Em seus primórdios, a psicologia, que se pretendia conhecimento positivo, tinha a preocupação com alinhar-se às ciências da natureza, além de encontrar no homem o prolongamento das leis que ditam os fenômenos naturais. A psicologia “científica”, em seu desenvolvimento, teve de abandonar aos poucos sua pretensão inicial ao positivismo que a aproximava das ciências naturais inicialmente. A pretensão a uma precisão objetiva, quase matemática mostrou-se insustentável. A história da psicologia até o século XX consiste na história das contradições geradas por seu projeto inicial. A psicologia foi levada a reconhecer na realidade humana uma coisa que se distingue da objetividade natural. E assim, foi necessário que ela utilizasse métodos diferentes dos das ciências da natureza diante dessa especificidade encontrada. A psicologia teve de se submeter a uma renovação radical ao se deparar com um novo status do homem. Ela teve de colocar a si

mesmo um novo estilo. Segundo Foucault essa tarefa da psicologia de se reinventar enquanto “ciência”, é uma tarefa que ainda se faz necessária, e ainda se encontra inconclusa. Visto que as contradições com as quais a psicologia tem de lidar permanecem.

Pode-se afirmar que tendo em vista a nova forma assumida pela loucura, que se constituiu sobre transformações que ocorreram em ambos os níveis, tanto no da percepção quanto no do conhecimento, o advento da psiquiatria se concretiza. Portanto, o nascimento da psiquiatria só foi possível devido à essas mudanças, mencionadas anteriormente, que podem ser consideradas suas condições de possibilidade. O louco, nesses termos, está pronto para assumir a forma do alienado, do doente mental, visto que não mais é uma figura da desrazão e foi totalmente destituído de seus poderes anteriores. Tendo isso em vista, Machado diz:

A ação do psiquiatra é moral e social, e não depende necessariamente, para sua eficácia, de competência científica: desalienar é instaurar uma ordem moral. A medicina mental é uma terapêutica, uma educação moral, característica que, até nossos dias, ainda a acompanha. O que, de um ponto de vista teórico ou conceitual, só é possível porque o louco não é mais, como na época clássica, um desrazoado, isto é, o outro do pensamento e da moral, mas um alienado, ou seja, alguém teoricamente passível de recuperação, de transformação ou de cura, pois sob a alienação existe, no mais íntimo do homem, algo inalienável que é explicitado pela psiquiatria em termos de natureza, verdade, razão, moral social etc. Se a loucura é alienação, sua cura é retorno ao inalienável pela ação exercida pelo hospício. Chegou para o louco, e cada vez mais para todos nós, a era do patológico. (MACHADO, 2006, p. 73)

Essa nova concepção da loucura difere de forma significativa da percepção da loucura que se tinha anteriormente: O louco agora é alguém cuja razão está encoberta, e que é passível de cura. Nesse sentido, Foucault (1972) afirma: “a loucura torna-se alienação, e sua cura um retorno ao inalienável”. No entanto, segundo o filósofo, “desalienar” seria instaurar uma ordem moral. O louco passa a ser alguém que deve ser curado, tendo em visto o fato de algo em sua interioridade deve ser resgatado, curado, reestabelecido; e essa cura deve ser realizada no hospital psiquiátrico:

[...] E a ideia de curar a loucura, como também a organização de toda uma estratégia terapêutica em torno do louco – fundada no princípio de que na loucura subsiste um núcleo de razão, de natureza, de verdade, que é alienado mas não destruído – , significa que a psiquiatria pretende realizar, de modo mais perfeito, pelo sistema da recuperação, aquilo que no final do século XVIII o sistema clássico de exclusão se mostrou incapaz de realizar: o controle social do louco. (MACHADO, 2006, p. 81)

As estratégias e procedimentos utilizados como instrumentos de cura, são na verdade técnicas de controle, em um tratamento unilateral e autoritário. E o louco, nesse contexto, se encontra em estado de julgamento perpétuo. O caráter moral de todo esse processo de cura e

de tratamento do louco é algo a ser destacado. Nessa nova realidade, a cura da loucura consiste no retorno ao inalienável, e o que há de inalienável é a natureza, a verdade, e a moral, a própria razão. Podemos dizer que há de inalienável no homem é justamente a razão. Ou seja, a verdade da loucura consiste na razão do homem. O novo papel do internamento é o de reconduzir a loucura à sua verdade, e essa verdade consistiria naquilo que o próprio homem tem de mais primitivamente inalienável. Foucault aponta então uma mudança no relacionamento do homem com a loucura, no que se refere à questão da verdade. A relação da loucura com a verdade é transformada, pois se no Classicismo a relação do homem com a loucura se dava pela via da falta, no sentido de que a loucura como Desrazão era a ausência de verdade, a perda da verdade; agora essa relação do homem com a loucura diz respeito à sua verdade – a verdade do homem. Curiosamente, a loucura vai se tornar essa via de acesso à verdade do homem, justo ela, que na Idade Clássica, como Desrazão, foi destituída da verdade e completamente excluída da dimensão da razão. Nesse sentido, Foucault diz:

Dado que na loucura o homem descobre sua verdade, é a partir de sua verdade e do fundo mesmo de sua loucura que uma cura é possível. Existe, na não razão da loucura, a razão do retorno; e se, na objetividade infeliz em que se perde o louco, ainda permanece um segredo, esse segredo é aquele que torna possível a cura. Assim como a doença não é a perda completa da saúde, do mesmo modo a loucura não é “perda abstrata da razão”, mas “contradição na razão que ainda existe” [...] A cura do louco está na razão do outro – sua própria razão sendo apenas a verdade da loucura [...] Portanto, o homem não dirá o verdadeiro de sua verdade a não ser na cura que o conduzirá de sua verdade alienada à verdade do homem. (FOUCAULT, 1972, p. 534)

A loucura passa a ser vista como uma contradição na própria razão, e não como perda de razão, ou aquilo que está completamente fora dela. É na loucura que o homem encontra sua verdade, e essa verdade, o que há de inalienável no fundo da loucura, essa razão do retorno, é que possibilita sua cura. É justamente na cura que o louco se torna capaz de ter acesso à verdade do homem. Uma vez “desalienado” nesse processo de cura, ele poderá encontrar em contato com a sua própria verdade, que se encontrava alienada. Foucault vai dizer que existe na não razão da loucura, a própria razão do retorno. E que essa cura da loucura seria realizada através da razão do outro, isto é, do médico.

Se anteriormente, a loucura era relativa à negatividade, à falta, agora ela assume seu lugar na positividade das coisas conhecidas. Foucault afirma que ela se torna objeto de conhecimento:

Sob o olhar que agora a envolve, ela se despoja de todos os prestígios que faziam dela, ainda recentemente, uma figura conjurada desde o momento em que era

percebida; ela se torna forma olhada, coisa investida pela linguagem, realidade que se conhece; realidade que se conhece; torna-se objeto. (FOUCAULT, 1972, p. 455)

A loucura recebe um novo estatuto: o de objeto. Passa a ser passível de um conhecimento científico. Foucault afirma que esse novo estatuto da loucura, instaura uma distância bem mais perigosa entre razão e loucura, a partir da qual a loucura sempre será vista pela razão como um mero objeto. Essa objetificação possibilita um modo de dominação da loucura pela razão muito mais eficaz e profundo, de modo que o internamento pode até mesmo oferecer agora uma “liberdade” à loucura, agora que ela está totalmente submissa e destituída de seus antigos poderes. Foucault questiona: “Não é importante para nossa cultura que o desatino só tenha podido tornar-se objeto de conhecimento na medida em que foi, preliminarmente, objeto de excomunhão?” (FOUCAULT, 1972, p. 106). Isto é, a loucura que torna-se positiva, um objeto passível de científico, fora antes objeto de exclusão social. Inclusive, pode-se afirmar esse estatuto da loucura como objeto de conhecimento foi possível justamente devido à exclusão da loucura da esfera da razão e da moral, da própria vida em sociedade; e da perda de seus “poderes”. E mais: que essa exclusão da loucura fora, de certa forma, elemento constitutivo dessa sua objetificação posterior. Ou seja, o fato de a loucura ter se tornado objeto de conhecimento se deve à esse passado calcado na sua excomunhão.

Foucault vai dizer que na experiência da Desrazão a loucura era sujeito de si mesma, e que ela se torna alienada de si mesma visto que passa a ser objetificada no fim do século XVIII. Isto é, o estatuto de objeto aliena a loucura de si mesma, e então ela perde a condição de sujeito para si mesma. Esse estatuto de objeto será atribuído de imediato a todo indivíduo apontado como alienado. Na alienação é colocada secretamente no cerne de todo conhecimento objetivo do homem.

No prefácio original da História da Loucura, Foucault dizia:

No meio do mundo sereno da doença mental, o homem moderno não se comunica mais com o louco; há, de um lado, o homem de razão que delega para a loucura o médico, não autorizando, assim, relacionamento senão através da universalidade abstrata da doença; há, do outro lado, o homem de loucura que não se comunica com o outro senão pelo intermediário de uma razão igualmente abstrata, que é ordem, coação física e moral, pressão anônima do grupo, exigência de conformidade. Linguagem comum não há; ou melhor, não há mais; a constituição da loucura como doença mental, no final do século XVIII, estabelece a constatação de um diálogo rompido [...] A linguagem da psiquiatria, que é monólogo da razão sobre a loucura, só pode estabelecer-se sobre um tal silêncio. (FOUCAULT, 2006, p. 153)

Foucault fala da ausência de comunicação entre o homem moderno e o louco. O diálogo foi rompido, deixando de existir. Não há mais uma linguagem comum entre o homem de razão e o louco. A constituição da loucura como doença mental instaura esse silêncio. Foucault afirma que a psiquiatria só pode constituir-se em cima desse silêncio, já que ela é monólogo da razão sobre o louco. Portanto a linguagem da psiquiatria se consolida sobre essa ausência de diálogo entre o homem moderno de razão e o louco.

Podemos observar uma mudança em relação aos olhares que se dirigem à loucura. Segundo Foucault (1972), se antes esse olhar era um olhar fascinado, no sentido de que “o homem contemplava nessa figura tão estranha uma bestialidade que era a sua própria e que ele reconhecia de um modo confuso como infinitamente próxima e infinitamente afastada”; agora esse olhar dirigido à loucura perde esse fascínio. Se, anteriormente, ao contemplar a figura da loucura o homem reconhecia essa bestialidade em si próprio, ao mesmo tempo que a concebia completamente distante de si. Agora, o olhar não carrega esse fascínio pela figura da loucura, pois esse olhar é tomado pela abstração da loucura. É relevante de destacar o fato de agora a loucura (como objeto) passa a poder contribuir, de certo modo, para o conhecimento do próprio homem.

Daí o papel importante da psiquiatria no âmbito das ciências humanas: o conhecimento objetivo, “científico”, da verdade do homem passa pela consideração do louco, na medida em que é como loucura, como fenômeno patológico, que pela primeira vez essa verdade se objetiva. O que do ponto de vista da problemática da loucura consolida uma mudança radical em relação à época clássica: o fato de que a loucura diz respeito não mais à questão da verdade e da falsidade, mas à verdade do homem e à sua negatividade. (MACHADO, 2006 p. 71)

Podemos destacar essa enorme transformação da época clássica para a moderna: o fato que a loucura não mais é relativa à questão da verdade ou falsidade, mas se voltando para a dimensão da interioridade, ela passa a dizer da verdade do homem. O filósofo vai dizer que “A loucura é a forma mais pura, a forma principal e primeira do movimento com o qual a verdade do homem passa para o lado do objeto e se torna acessível a uma percepção científica” (FOUCAULT, 1972, p. 538-539). Ou seja, é através da loucura, primeiramente, que passa a ser possível um acesso ao conhecimento científico do homem. Ele afirma que o homem só se torna “natureza” para si próprio uma vez que é capaz de loucura.

Na modernidade ocorre, portanto, a transformação da loucura em doença mental. Na qual o homem é convertido em objeto da psicologia, na medida em que é dotado de uma interioridade a ser conhecida. O homem agora passa a se relacionar com a sua própria

verdade. Além disso, a psiquiatria desempenha esse importante papel no âmbito das ciências humanas, a partir do qual o conhecimento científico da verdade do homem passa pelo louco. Nesse sentido, o acesso à sua verdade agora se dá, curiosamente, por meio da loucura. O filósofo nos chama a atenção para esse importante movimento: é a partir da loucura que o conhecimento da verdade do homem torna-se objetivo. Foucault aponta uma relação antropológica que se estrutura entre o homem, sua loucura e sua verdade.

Capítulo III - O Círculo Antropológico

Foucault empreende uma história da razão que é narrada a partir de suas sombras, isto é, com enfoque na história da desrazão, da loucura e da doença mental; de acordo com Safatle (2019), no prefácio da edição brasileira mais recente da História da loucura. O objetivo inicial da obra seria o de expor o lento processo de transformação da loucura que culminou na “doença mental”. O enfoque da “História da Loucura” estaria em investigar as condições históricas de possibilidades no âmbito dos discursos e das práticas relativas ao louco constituído como doente mental. No desdobramento desse processo, a loucura se torna um objeto de um saber psicológico e psiquiátrico. A obra pode ser considerada também como uma narrativa da exclusão como condição para a constituição de critérios de normalidade e de normal; Safatle (2019) afirma ainda que ela pode ser tomada como uma narrativa que se volta para a maneira pela qual os julgamentos morais se infiltram de forma velada em práticas e tratados técnicos que se pretendem cientificamente válidos, e que acabam por perpetuar a norma. Podemos apontar esse aspecto moralizador que prevaleceu durante todo o processo de dominação da loucura. É importante ressaltar que a loucura teria sido considerada como desvio à ordem moral e racional vigente, além de ter passado por processos de enclausuramento e sido completamente excluída da esfera da razão na Idade Clássica; e, posteriormente reinserida justamente na ordem da razão na forma de doença mental, na qual se transforma em objeto de saber. Visto que a loucura fora separada da razão desde a Idade Clássica, podemos afirmar que a “libertação” da loucura consiste em sua reinserção na ordem da razão.

Foucault fala sobre a questão da liberdade no que diz respeito à loucura, no último capítulo da “História da Loucura”. Se por um lado o louco havia sido, supostamente, libertado de suas correntes do hospital, por outro, o louco fora aprisionado em um determinismo médico. Visto que, o louco como doente mental, passa a ser prisioneiro de um diagnóstico e dos poderes do médico (morais e sociais). O filósofo afirma que o louco, na idade clássica, ao menos era livre em sua prisão. Segundo o filósofo, a liberdade do louco já se fazia presente na sua existência muito antes do movimento feito por Philippe Pinel e William Tuke. Se faz necessário reforçar que Foucault não vê a reforma realizada por Pinel e Tuke como uma “libertação” da loucura, como é comumente considerada pelos historiadores da psiquiatria. Seus expoentes são frequentemente vistos como símbolos do nascimento de um humanismo, da psiquiatria, e da ciência positiva; no entanto, Foucault considera que essa reforma

representa apenas mais um grau na história da dominação da loucura. E se essa reforma liberou os loucos das correntes do hospital, ela aprisionara a loucura em um diagnóstico, além de colocar a figura do médico como detentora de poderes tanto sociais quanto morais sobre o “doente mental”. Portanto, Foucault está longe de acreditar que essa reforma ocorrera por uma motivação benevolente de seus personagens principais. Visto isso, Foucault sustenta que a liberdade era presente na existência do louco muito antes da reforma realizada por Pinel e Tuke, e que a crença de que a liberdade teria sido “dada” ao louco por meio desse movimento é ilusória: a liberdade não era lhe dada em gesto positivo, pois ela já lhe pertencia. Podemos afirmar que a loucura só era possível na medida em que existisse a possibilidade de que o sujeito falasse a linguagem de sua própria loucura, e assim, se constituísse enquanto louco. Foucault diz ainda que a liberdade está sempre no horizonte da loucura, no entanto, quando deseja-se delimitá-la, ela desaparece. Presente nas regiões extremas nas quais a loucura teria a possibilidade de falar de si mesma, desaparece assim que um olhar tenta capturá-la. Foucault aponta um paradoxo da liberdade constitutiva do louco:

[...] aquilo pelo que o louco torna-se louco, isto é, também aquilo pelo que, a loucura não sendo ainda dada, ele pode se comunicar com a não-loucura. Desde o começo, ele escapa a si mesmo e à sua verdade de louco, reunindo-se numa região que não é nem verdade nem inocência, com o risco da falta, do crime ou da comédia. Essa liberdade que o fez, no momento bem originário, bastante obscuro e muito dificilmente determinável da partida e da partilha, renunciar à verdade, impede que ele alguma vez seja prisioneiro de sua verdade. Ele só é louco na medida em que sua loucura não se esgota em sua verdade de louco. (FOUCAULT, 1972, p. 527)

Nessa perspectiva, o louco só pode ser louco na medida em que ele não se limita, não se esgota à sua verdade de louco. O fato de ele, de certa forma renunciar a sua verdade, por meio dessa liberdade, o impede de ser esgotado, encerrado nessa própria verdade – ser prisioneiro dela. A comunicação do louco com a não-loucura se tornava possível justamente a partir dessa região não determinada, ambígua, na qual se localizava. Essa “indeterminação” parece ser um elemento importante na maneira pela qual se constitui a loucura. A liberdade clássica impedia que o louco, através de sua relação ambígua com a loucura, constituísse apenas uma mesma relação com a loucura. Isto é, impedia que ele ficasse aprisionado na sua própria verdade da loucura. É nesse contexto em que a reforma de Pinel e Tuke aparece na Idade Clássica. O louco se vê, nesse contexto asilar, ao mesmo tempo livre e excluído da liberdade. Agora a loucura é fechada na verdade do louco. E como anteriormente dito: Pinel e Tuke libertam o louco de suas correntes, o aprisionam à sua verdade de louco. Foucault diz que, ao menos antes, o louco era livre no momento e no espaço em que perdia a sua liberdade, no espaço de internamento. Agora, de certa forma, ele é livre no espaço em que já perdera a

sua liberdade, paradoxalmente. É permitido que a liberdade do louco exista, embora ela atue em um espaço mais fechado e menos livre, do internamento.

A loucura agora encontra-se fechada em uma objetividade. Além disso, Foucault afirma que essa liberdade se vê dividida entre um determinismo e uma culpabilidade, e que, portanto, o louco se encontra determinado e culpado no século XIX. Sendo assim, pode-se afirmar que o louco se tornou prisioneiro da própria verdade. O acesso do homem à sua verdade se dá somente na forma de alienação. A verdade do homem se encontra encoberta, sendo assim, o homem se encontra alienado – alienado de si mesmo. A loucura torna-se passível de cura, e essa cura consiste em sua desalienação, que por sua vez é realizada pela razão do médico. Portanto, essa liberdade que lhe foi imposta, aprisiona o louco à uma verdade da loucura da qual o louco só pode escapar de forma passiva, isto é, apenas através da desalienação de sua loucura. É nesse sentido que Foucault alega que a partir desse momento, o relacionamento do homem com a loucura não se refere à verdade (relacionamento esse que sempre envolvia uma liberdade); mas que o homem passa a se relacionar com a loucura de forma a se referir agora apenas à sua verdade. Nesse sentido, o filósofo vai dizer que:

Na loucura, o homem cai em sua verdade: o que é uma maneira de sê-la inteiramente, mas também de perdê-la. A loucura não mais falará do não-ser, mas do ser do homem, no conteúdo daquilo que ele é e no esquecimento desse conteúdo. E enquanto ele era outrora o Estranho em relação ao Ser — homem do nada, da ilusão, Fatuus (vazio do não-ser e manifestação paradoxal desse vazio) —, ei-lo agora retido em sua própria verdade e, por isso mesmo, afastado dela. Estranho em relação a si mesmo, Alienado. A loucura sustenta agora uma linguagem antropológica: visando ao mesmo tempo, e num equívoco donde ela retira, para o mundo moderno, seus poderes de inquietude, à verdade do homem e à perda dessa verdade, e, por conseguinte, à verdade dessa verdade. (FOUCAULT, 1972, p 529)

Nessa nova forma de relacionar com a loucura, o homem encontra a sua verdade, mas ao mesmo tempo a perde. No mesmo movimento que é atado à sua própria verdade, é afastado dela, justamente pelo fato de ser encontrar preso a ela. O louco vira um estranho em relação a si mesmo, isto é, um alienado de si mesmo. Foucault afirma que a loucura passa a apresentar uma linguagem antropológica, na qual podemos identificar a seguinte ambiguidade: o homem, simultaneamente, descobre sua verdade e se depara com a perda dessa mesma verdade. Enquanto que, na Idade Clássica, encontrávamos uma estrutura binária composta por Razão/Desrazão, na modernidade a doença mental se torna relativa à estrutura antropológica envolvendo a tríade: o homem, sua loucura e sua verdade.

Como dito anteriormente, na época clássica a loucura se encontrava completamente silenciada. Se faz necessário reiterar que a loucura tinha se tornado incapaz de falar em sua linguagem própria, devido ao fato de que ela fora silenciada e excluída de toda dimensão da verdade e até mesmo da esfera da linguagem na idade clássica. De acordo com Foucault a loucura reencontra sua linguagem na modernidade. A loucura, apesar de sua negatividade, torna-se capaz de falar a sua linguagem própria:

Para além do longo silêncio clássico, a loucura reencontra assim sua linguagem. Mas uma linguagem com significações bem diferentes; ela esqueceu os velhos discursos trágicos da Renascença onde se falava do dilaceramento do mundo, do fim dos tempos, do homem devorado pela animalidade. Ela renasce, essa linguagem da loucura, mas como uma explosão lírica: descoberta de que no homem o interior é também o exterior, de que o ponto extremo da subjetividade se identifica com o fascínio imediato do objeto, de que todo fim está votado à obstinação do retorno. Linguagem na qual não mais transparecem as figuras invisíveis do mundo, mas as verdades secretas do homem. (FOUCAULT, 1982, p. 531)

Sendo assim, o que se sabe do louco se ressignifica inteiramente. O olhar que incide sobre o louco é completamente modificado. Foucault afirma que esse olhar é ao mesmo tempo mais neutro e mais dotado de paixão. O aspecto da neutralidade se faz presente nesse olhar, tendo em vista o fato de que no louco se descobrem as verdades profundas do homem. Já o aspecto da paixão se dá pela razão de o homem não mais realizar o reconhecimento do louco sem reconhecer a si mesmo. Portanto, a relação entre o homem e o louco, que por tanto tempo fora tão distante e abismal, agora envolve esse reconhecimento. Essa relação ganhará então virtudes de um espelho:

Aos poucos o que era objeto de conhecimento torna-se tema de reconhecimento próprio: o louco é espelho da humanidade, misto de seus desejos mais primitivos e dos estragos causados pela civilização. A psiquiatria nascente, ao aproximar o homem e o louco sob a forma “científica” da objetivação reificante, operou uma reviravolta de peso na constelação antropológica: a partir daí a alienação passou a ser para o homem a possibilidade de acesso à sua verdade e natureza. (PELBART, 2009, p. 56)

O louco que na Idade Clássica fora visto como o Outro da sociedade, agora passa a se tornar alvo de reconhecimento. Ele se torna, de certa forma, espelho da humanidade. Podemos observar essa reviravolta antropológica apontada por Pelbart (2009): a psiquiatria aproxima o homem e o louco por meio da objetivação da loucura. Anteriormente a loucura era para o homem uma exterioridade misteriosa. Essa exterioridade se dava de uma forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que o louco era o Outro, também o homem se reconhecia, em parte, na loucura. Agora, a loucura começa a deixar de ser essa exterioridade, esse desconhecido, essa incógnita, para incorporar-se no humano. Processo que é chamado de humanização da

loucura. Foucault vai afirmar que em um mesmo movimento o louco se entrega como objeto de conhecimento e como matéria de reconhecimento.

Foucault destaca alguns pontos principais no que se refere ao relacionamento do homem com o louco: primeiro, o louco releva a verdade elementar do homem, que o reduz a seus primitivos desejos, seus mecanismos simples, além suas determinações corporais; nessa perspectiva, a loucura seria tipo sua “infância cronológica e social”, além de sua verdade terminal, sendo que releva até onde puderam levá-lo as paixões e sua vida em sociedade. Em segundo lugar, a loucura teria feito “surgir um mundo interior de maus instintos, de perversidade, de sofrimentos e violência que até então estivera adormecido (FOUCAULT, 1982, p. 533). Podemos notar então uma distinção completa da loucura quando se compara com as doenças do corpo. Terceiro, a inocência do louco é salvaguardada pela força do domínio psicológico. E quarto, ao passo que o homem descobre sua verdade, é através de sua verdade, isto é, na própria loucura que a cura se torna possível. Portanto, o homem não encontrará sua verdade a não ser na cura, que o resgatará de sua alienação em direção à verdade do homem. Esses pontos serão relevantes e retomados ao longo de toda a reflexão à respeito da loucura no século XIX.

Foucault apresenta três exemplos de doença para pensar a experiência da loucura no início do século XIX: a “paralisia geral”, a “insanidade moral”, e a “monomania”. Na forma de “paralisia geral” a busca por uma causa orgânica de um distúrbio na dimensão psíquica ganha lugar. Já na “insanidade moral” se observa uma alteração apenas na dimensão afetiva do alienado. Isto é, não se observa nenhuma lesão na dimensão do entendimento, visto que os atingidos por essa espécie de loucura “julgam, racionam bem”. No entanto, eles são acometidos pelo que pode ser descrito por uma forte inclinação e perversão das afecções morais referentes à mania, violência e furor. De modo que a dimensão interna que ganha um caráter externalizável manifesta-se em sua anomalia de comportamento, desviante à norma. A “insanidade moral”, nesse sentido, revela ao nível das condutas e percepção dos corpos, e no nível do objeto, o inacessível da subjetividade, que por sua vez só pode ter alguma concretude na objetividade. Sendo assim, pode-se observar aí a passagem do subjetivo para o objetivo nesse âmbito moral da loucura. Foucault afirma que isso evidencia o fato de que a loucura é a mais pura forma, além de ser a primeira e principal maneira por meio da qual a verdade do homem se objetifica e se torna acessível à uma percepção científica. O filósofo acrescenta que o homem somente torna-se natureza para si próprio porque é capaz de loucura. Diante disso,

se faz importante ressaltar que a análise da “insanidade moral” permite que vejamos que psicologia emergente, repleta de normalização dos comportamentos humanos, fora convertida em ciência da natureza humana.

Já no estudo sobre a “monomania”, a inocência do louco era colocada em questão, pois abria-se a possibilidade da existência de uma personalidade íntegra, que poderia ter cometido apenas um ato isolado, de modo que o indivíduo se mostrava saudável em todo o resto; e portanto, passível ser inocentado. O filósofo vai trazer problemáticas relacionando questões dialéticas do louco com os grandes processos criminais do século XIX. Foucault (1972) coloca a seguinte questão: “pode existir uma doença crônica que só se manifesta num único gesto, ou pode-se admitir que um indivíduo de repente se transforme em Outro, perca essa liberdade pela qual se define e por um momento se aliene de si mesmo?” Essa questão considera o problema centrado na noção de “monomania” segundo a qual, depois de cometer o crime, esse indivíduo “volta” ao que era antes, isto é, retorna a si. Aparentemente, não haveria causa ou razão que justificasse seu ato criminoso. Em casos assim, o indivíduo se mostraria louco em um ponto específico, enquanto permaneceria “razoável” em todos os outros aspectos. Diante disso, o filósofo questiona: é possível dizer que se trata de um louco? Essa nova constituição da experiência da loucura difere da que a jurisprudência anterior conhecia. Nesse sentido, a relação com a loucura se torna mais complexa. São levantadas as seguintes questões: é possível a existência de uma doença crônica cuja manifestação se dê em um só gesto? Isto é, um indivíduo pode, de forma repentina, se transformar em outro e por um instante se alienar de si mesmo? Além disso, podemos pensar na questão da culpabilidade do indivíduo, que ganha outros contornos diante dessa nova problemática. Para que o sujeito seja culpado é necessário que se constate que ele seja o mesmo durante o seu gesto e para além do gesto específico. Enquanto que para determinar sua inocência é preciso que o crime tenha sido um elemento outro, distinto e irreduzível ao indivíduo; de forma que presume-se uma alienação do sujeito nesse caso.

O louco aparece em uma nova dialética que se dá entre o Mesmo e o Outro. Isto é, o homem se manifesta na loucura como Outro que não ele mesmo. O louco deixa definitivamente de ser o insensato que era na Idade Clássica, passando a ser o alienado na modernidade, no âmbito da doença mental:

Nessa loucura, o homem não é mais considerado numa espécie de recuo absoluto em relação à verdade; ele é, aí, sua verdade e o contrário de sua verdade; é ele mesmo e

outra coisa que não ele mesmo; é considerado na objetividade do verdadeira, mas é verdadeira subjetividade; está mergulhado naquilo que é sua perdição, mas só entrega aquilo que quiser entregar; é inocente porque não é aquilo que é, e culpado por ser aquilo que não é. (FOUCAULT, 1972, p. 541)

O louco não é mais desprovido de verdade inteiramente como o era antes. Ele passa a ser sua verdade e ao mesmo tempo o contrário dela; na medida em que ele é ele mesmo, ao mesmo tempo que não é ele próprio. Foucault diz que ele é inocente e culpado ao mesmo tempo justamente por essa dualidade. Pode-se dizer que essa dualidade é inédita, essa nova forma de relação do homem com ele mesmo, a partir de sua loucura. A loucura para o mundo moderno tem um sentido diferente daquele da idade clássica. Foucault expõe a ingenuidade em se acreditar que o que se fez fora a história do louco. Ele afirma que é preciso reconhecer que ao tentar fazer a história do louco, o que de fato se fez foi uma história daquilo que possibilitou o surgimento de uma psicologia. Reiteramos que, segundo Foucault, o paradoxo encontrado a psicologia “positiva” no século XIX consiste no fato de ela ter se fundado a partir da negatividade. Segundo o filósofo, a verdade do homem só é pronunciada no momento de seu desaparecimento, no sentido de que ela só aparece a partir do momento em que se torna outra coisa que não ela mesma. O homem e o louco se encontram na modernidade, mais ligados, de certa forma, visto que ele só acessa essa verdade no desastre da loucura, e ao mesmo tempo essa verdade lhe escapa. A verdade só é dada ao homem na forma de alienação:

A alteridade da loucura foi trazida para o interior de uma dialética em que o homem “só encontra sua verdade no enigma do louco que ele é e não é” como diz Foucault. Mas não nos enganemos: essa nova configuração não significou uma relação original com a desrazão, e sim uma dominação física, moral e médica sobre a loucura, baseada no Olhar, no Silêncio, na Autoridade e no Julgamento. Que o alienismo tenha acorrentado o homem à sua loucura de um modo novo não quer dizer que ele acolheu uma diferença, mas que, através de um controle, ele conjurou seus perigos e inventou um novo modo de apropriação. (PELBART, 2009, p. 56)

Podemos apontar essa nova dualidade encontrada na loucura, na qual o louco é ele mesmo e não é. Encontramos nela um novo tipo de relação entre o homem e a loucura. Podemos afirmar que a dominação da loucura marca também essa nova relação. E que essa dominação é moral, médica, jurídica, física; essa nova configuração é toda pautada na autoridade e no julgamento. Podemos afirmar que esse novo modo de lidar com a loucura representa um novo modo de dominação e apropriação da loucura. E que essa aproximação do homem com a loucura não significa uma relação com a desrazão.

É importante reiterar que Foucault teria levantado a intrigante e enigmática hipótese de que “o surgimento da própria loucura enquanto fato social, objeto de exclusão, de internamento e de intervenção, já teria representado o encobrimento e desvanecimento de uma forma de alteridade todavia mais extrema e irreduzível - a Desrazão.” (PELBART, 1988, p. 94). Foucault afirma que a figura da desrazão teria sido encoberta pela razão, em um amplo processo. Essa hipótese do autor é polêmica, pois observa Pelbart, ela implica em dizer que há uma experiência fundamental ou originária da loucura, que subjaz “por trás” da história ou debaixo dela. Embora Foucault tenha realizado, por diversas vezes, uma firme crítica deste modelo e negado que era disso que se tratava:

Não se procura restituir o que poderia ser a própria loucura tal como ela se apresentaria inicialmente a alguma experiência primitiva, fundamental, secreta, quase não articulado e que teria sido, em seguida, organizada (traduzida, deformada, travestida, talvez reprimida) pelos discursos e pelo jogo oblíquo frequentemente retorcido de suas operações (FOUCAULT, 1987, p. 54)

Foucault vai afirmar, em “Arqueologia do saber” que o que se busca não é fazer uma restituição do que seria a loucura em uma experiência originária, segundo uma perspectiva de que a loucura teria sido maculada pelos discursos e práticas no decorrer do tempo. Além disso, ele afirma que a “História da Loucura” deveria ser lido como uma história da percepção sobre a loucura, e não uma história do referente. Portanto, pode-se afirmar que na “Arqueologia da saber” as ambiguidades que apontavam para uma experiência fundamental da loucura desaparecem inteiramente. Isto é, não se encontra nem sequer resquícios de uma exaltação de uma loucura originária. No entanto, esse é um ponto passível de ser problematizado na obra de Foucault. Roberto Machado vai afirmar que embora Foucault tenha realizado esses esclarecimentos, isso não elimina a hipótese de uma loucura originária que estaria presente na base argumentativa de toda a obra.

É relevante acrescentar que Foucault afirma que a desrazão não teria sido desaparecido por completo, e teria se manifestado em Nietzsche, Artaud ou Van Gogh, entre outros. Foucault (1972) afirma que a loucura é ruptura absoluta da obra, isto é, “ali onde há obra, não há loucura”. E ele menciona Artaud, e afirma que sua loucura é exatamente ausência de obra. Diz também algo similar à respeito de Van Gogh, afirmando que o pintor sabia da incompatibilidade de sua obra e sua loucura. Coloca ainda que a loucura de Nietzsche é aquilo por meio do qual seu pensamento se abre para o mundo moderno. Tendo isso em vista, podemos inferir que a obra, considerada enquanto discurso, simboliza o fim da loucura

trágica, para modernidade, pois é capaz se implantar em uma ordem. Foucault vai dizer que a loucura é capaz de escapar à essa ordem discursiva:

[...] através da loucura, uma obra que parece absorver-se no mundo, que parece revelar aí seu não senso e aí transfigurar-se nos traços apenas do patológico, no fundo engaja nela o tempo do mundo, domina-o e o conduz; pela loucura que a interrompe, uma obra abre um vazio, um tempo de silêncio, uma questão sem resposta, provoca um dilaceramento sem reconciliação onde o mundo é obrigado a interrogar-se.

Pode-se afirmar que a experiência trágica da loucura resiste e se afirma como possibilidade, na medida em que escapa à ordem da racionalização. Podemos acrescentar que a obra coloca a loucura em suspenso, de maneira a gerar uma questão sem resposta de modo a abrir espaço para a possibilidade. Sendo assim, diante disso, o mundo é forçado se interrogar. E a loucura tem assim possibilidades diante de um mundo que crê que a avalia, determina, objetifica, justifica e diagnostica através da psicologia.

Considerações finais

A “História da Loucura” revela um processo que possui uma direção clara: A crescente dominação da loucura pela razão; de acordo com a análise de Roberto Machado (2006). Sendo assim, a “História da Loucura” seria uma crítica da razão, isto é, uma investigação de seus limites e fronteiras, que se fixam de forma a excluir tudo o que supostamente não pertenceria à sua ordem. Foucault diz no prefácio da primeira edição do livro:

Poderíamos fazer uma história dos limites – desses gestos obscuros, necessariamente esquecidos desde que realizados, através dos quais uma cultura rejeita algo que será para ela o Exterior; e ao longo de sua história esse vazio profundo, esse espaço branco graças ao qual ela tanto se isola quanto designa seus labores. Pois tais valores ela os recebe e os mantém na continuidade de sua história; mas nessa região a respeito da qual gostaríamos de falar, ela exerce suas escolhas essenciais, ela opera a divisão que lhe fornecerá o rosto de sua positividade; lá se encontra a espessura originária a partir da qual ela se forma. (FOUCAULT, 2006, p. 154)

Podemos afirmar que a verdadeira história da razão moderna é a história dos seus limites, da constituição que deveria ser seu Exterior absoluto, isto é, aquilo que ela não se reconhece, mas que, no entanto, ela própria constituiu. Portanto, a razão passa a exercer uma dominação cunhada na exclusão daquilo que está fora de seus limites. Machado aponta esse processo de dominação da loucura pela razão que teria se iniciado no Renascimento. Ele afirma que a patologização da loucura, na modernidade, seria a radicalização de um processo de dominação, que antes agia na forma da desrazão, por meio do qual o louco passa a ser objetivado medicamente como alienado. Sobre esse processo de dominação, de encobrimento da loucura pela razão, Machado (2006) vai dizer que esse processo atuou “No Renascimento, por meio de uma crítica moral que a situou (a loucura) como ilusão; na época clássica, através de um racionalismo que a desqualificou como erro; na modernidade, pelas ciências humanas, que aceitando-a como alienação, a patologizaram.” Diante disso, pode-se dizer que Foucault constata que o saber acerca da loucura não é o itinerário da razão para a verdade, muito pelo contrário, visto que se constitui sobre a dominação e descaracterização da loucura em nome da razão.

A “História da Loucura” tem como seu principal alvo a psiquiatria. Machado cita duas razões pelas quais considera que o texto adquiriu tanta importância. A primeira consiste no fato de que essa obra deixa claro que a psiquiatria é uma “ciência” recente, e que a loucura como doença mental tem pouco mais de 200 anos. Além de destacar o fato de que medicina é

datada historicamente. Diz ainda que após essa investigação de Foucault, a história da loucura deixou de se resumir a história da psiquiatria. A segunda razão citada por ele vai na direção de que a pesquisa de Foucault evidencia que a psiquiatria resulta de um amplo processo histórico, que não se remete à descoberta de uma essência da loucura, e sim à dominação e integração da loucura à ordem da razão. Portanto, se a obra de Foucault foi capaz de revolucionar a forma de se pensar a psiquiatria foi devido ao fato de que ela possibilitou, através da análise de sua história, a desmistificação de alguns pontos, tais como: ela revela as reais dimensões do amplamente considerado como gesto de libertação dos loucos realizado por Pinel e Tuke, pelos historiadores da psiquiatria; além de ter sido considerado como um movimento de humanização terapêutico da loucura. Além de desmascarar o mérito dado para a psiquiatria de ser responsável pelo reconhecimento da loucura e seu tratamento segundo sua verdade, apontando o processo histórico por meio do qual a psiquiatria tornou o louco doente mental.

Pensando a obra de Foucault na atualidade, assim como seus desdobramentos e a questão da loucura na contemporaneidade, Safatle coloca a seguinte reflexão:

É certo ainda que, atualmente, Foucault estaria diante de novas questões, não apenas ligadas a pretensos problemas em sua abordagem histórica. Pois, no campo da psiquiatria, mesmo o conceito de “doença mental” foi abandonado em prol da descrição multiplicada de “transtornos”, principalmente a partir do DSM III. O que a psiquiatria fez depois dos anos 1960 foi a liquidação da doença mental, mas não através da recuperação da experiência trágica da loucura. [...] Esse processo mostra como dispositivos disciplinares no interior da clínica podem permanecer mesmo após a decomposição da noção de doença mental, o que nos coloca diante de novos problemas com as quais a continuidade de uma história da loucura deveria lidar. (SAFATLE, história da loucura, 1972 (2019) p. 20)

Hoje, Foucault se depararia com novas questões. Pois podemos observar atualmente um abandono da noção de “doença mental”. O conceito de “doença mental” está sendo substituído pela noção de “transtornos”. Pelbart (1993) sugere que a doença mental estaria em vias de desaparecer, visto que se encontra cada vez mais contida e esvaziada; enquanto que, a loucura estaria sendo assumida como “patrimônio universal do psiquismo humano”. Afirma ainda que o que estaria sobretudo mudando é a relação que nossa cultura mantém com aquilo que ela exclui. Diante disso, uma continuação da “História da loucura” teria de lidar com outros problemas. É importante destacar que esse abandono do conceito de “doença mental” não significou um passo na direção do resgate da loucura como experiência trágica, como Desrazão. Safatle reflete que, embora estejamos observando a dissolução e o abandono da “doença mental”, nos deparamos com a permanência de estruturas de poder e dispositivos

disciplinares que se mantêm à despeito de uma dissolução de tal conceito. Portanto é nesse sentido que o filósofo afirma que Foucault se veria diante de novos desafios atualmente, e que uma continuação da “História da loucura” teria que enfrentar esses novos desafios que perpassam a loucura na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Ditos e Escritos I. Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

_____. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. [1972] **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva. 2019.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz&Terra. 2017.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2006.

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura : loucura e desrazão**. São Paulo: Editora Iluminuras. 2009

_____. **A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o Tempo da Loucura**. Rio de Janeiro: Imago. 1993.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. Trad.: C. Piovezzani Filho e N. Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SILVEIRA, F. **Sujeito e homem na crítica de Michel Foucault à antropologia**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos. 2015